

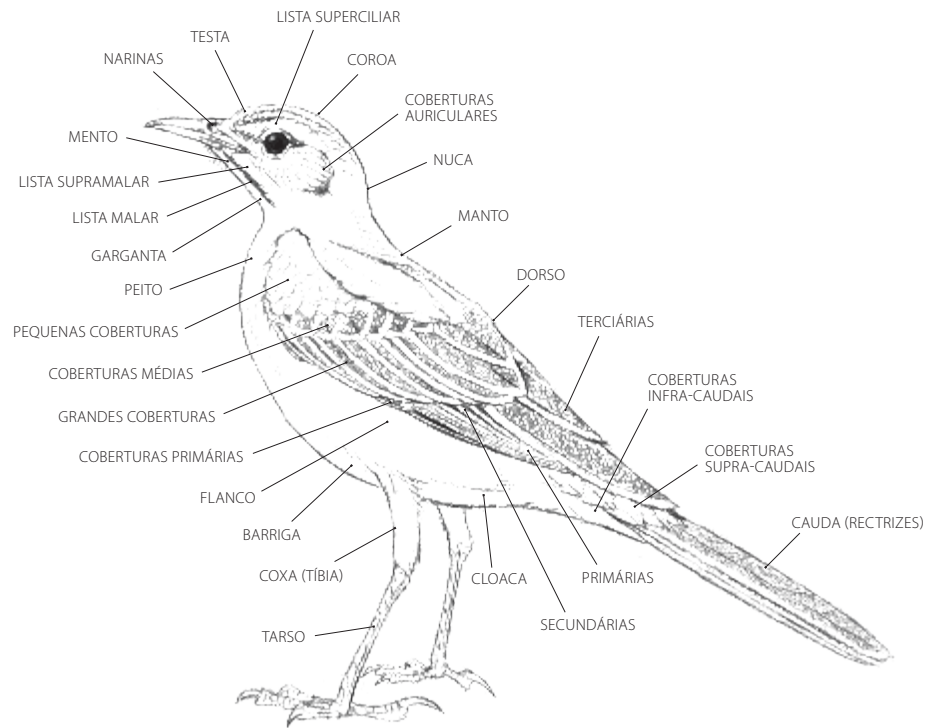


GUIA DAS

Aves Comuns

da Guiné-Bissau

Esquema da ave



GUIA DAS Aves Comuns da Guiné-Bissau

Miguel Lecoq

Hamilton Monteiro

Pedro Fernandes

Ézio Almir





NÔ MATU I NÔ FIRKIDJA

TÍTULO

Guia das Aves Comuns da Guiné-Bissau

TEXTOS

Miguel Lecoq

NOMES COMUNS NAS LÍNGUAS GUINEENSES

Hamilton Monteiro

ILUSTRAÇÕES

Pedro Fernandes e Ézio Almir

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Pedro Fernandes

REVISÃO DOS TEXTOS

Maria Dias e Paulo Catry

EDIÇÃO

Monte - Desenvolvimento Alentejo Central, ACE e
Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas da Guiné-Bissau

DESIGN

Sugo Design 

IMPRESSÃO

Gráfica Comercial

DEPÓSITO LEGAL

424091/17

1.ª EDIÇÃO

2017



Financiado por



Co-financiado por



Prefácio

Alfredo Simão da Silva

Director - Geral do IBAP

A Guiné-Bissau está entre os dois sítios mais importantes para as aves aquáticas na África Ocidental, recebendo anualmente cerca de um milhão de aves migradoras provenientes da Europa. As aves aquáticas migradoras encontram nas zonas intertidais da Guiné-Bissau um ecossistema produtivo e rico em alimento. O Parque Natural dos Tarrafes do Rio Cacheu, com os seus extensos mangais, é exemplo de um destes ecossistemas, razão pela qual foi reconhecido como sítio Ramsar (zona húmida de importância internacional) e como IBA (área importante para as aves). A simbiose e interdependência entre as aves e os recursos marinhos estão patentes no Rio Cacheu, sendo as aves um dos indicadores ecológicos mais importantes que certificam a saúde do ecossistema do mangal neste parque.

A paixão crescente e visível pelas aves na Guiné-Bissau iniciou-se nos anos 1980 com a formação dos primeiros quadros nacionais nesse domínio, apoiada por programas e/ou projectos de conservação da natureza e da biodiversidade. Neste âmbito, a contagem mundial das aves aquáticas começou a ser realizada sistematicamente no país e é acompanhada da constituição paulatina de um banco de dados nacional sobre as aves e o reforço de capacidades. Entretanto, fruto deste trabalho, foram sendo publicados a nível nacional, regional e internacional, documentos científicos importantes sobre as aves da Guiné-Bissau.

A elaboração do presente guia das aves comuns da Guiné-Bissau, enquadra-se exactamente no espírito da estratégia nacional para as áreas protegidas e a conservação da biodiversidade (2014-2020), designadamente, o pilar estratégico *monitorização das áreas protegidas, conhecimento e valoração da biodiversidade e dos serviços dos ecossistemas, e divulgação e sensibilização*.

Este livro, dirigido sobretudo às acções de educação ambiental e à formação de jovens quadros no domínio da avifauna, é também um excelente manual de comunicação e de campo útil para outros actores. Este guia vai permitir aos amantes da natureza conhecerem melhor uma boa parte das aves que ocorrem nas áreas protegidas da Guiné-Bissau contribuindo para o reforço do conhecimento das espécies de aves no país.

Efectivamente, este pequeno guia é produto também da recolha e da sistematização de informação realizada desde há alguns anos a esta parte em diversas áreas protegidas. Por outro lado, é também um subsídio concreto para que a Guiné-Bissau possa dispor no futuro de uma publicação científica e mais completa sobre a avifauna. Esta ambição faz parte dos grandes desafios a médio prazo do Departamento de Monitoria e Conservação da Biodiversidade do Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas (IBAP).

Índice

Introdução	7
Como observar aves	8
Como identificar aves?	9
Como utilizar este guia?	10
Nota técnica – taxonomia e nomenclatura	11
Espécies	12
Glossário	64

Introdução

Todos os dias do ano, em cada *tabanca* da Guiné-Bissau, ao apagarem-se as estrelas soa um canto que desperta quem dorme. Há talvez quem não dê conta, mas reparando ou não, todos conhecem o engole-malagueta, ou pelo menos a sua voz. É uma das aves mais comuns desta região oeste africana, e é destas aves comuns, muitas das quais se cruzam connosco todos os dias, que este livro trata.

As aves têm este hábito de estarem na nossa vida, por toda a parte, literalmente por toda a parte. Não há canto do Mundo por onde as aves não passem, não há *tabanca*, rio, floresta ou *bolanha* onde elas não abundem, e mesmo no mar, nesse mar grande, às vezes “maron”, mesmo lá longe de terra e até das ilhas, as aves estão sempre presentes.

Se estão, e se sobrevivem, por mais agreste que seja o meio, é porque têm adaptações magníficas, a mais importante das quais é o voo. Há outros seres que voam, insectos vários, como as borboletas ou os mosquitos, morcegos, e até os humanos, com a ajuda de aviões e outros aparelhos. Mas nenhum voo se compara ao das aves na combinação de versatilidade, capacidade de manobra, resistência e velocidade. As aves não são só omnipresentes, mas são também abundantes e muito diversificadas. Nenhum grupo de vertebrados lhes faz sombra, à excepção dos peixes, mas esses estão limitados ao meio aquático.

A Guiné-Bissau é um país que se destaca no plano internacional pelas suas aves. Desde logo o arquipélago dos Bijagós e as áreas de *tarrafê* e bancos do litoral, que acolhem centenas de milhares ou mesmo milhões de indivíduos vindos da Europa, e mesmo de mais além, do Ártico siberiano, ou da Gronelândia e do Canadá. Por outro lado, as florestas, savanas e *lalas* são muito ricas em aves dos mais variados tipos. Actualmente, foram já inventariadas no país mais de 550 espécies de aves.

Não é fácil, para o curioso, o naturalista amador ou o biólogo, identificar uma tal variedade de espécies, tanto mais que cada uma se pode apresentar vestida de várias “roupagens” (plumagens cuja cor pode mudar ao longo da vida, com o avançar da idade e a alternância das estações). Contudo, há muitas espécies mais comuns, e muitas de entre elas com um aspecto mais distintivo, não sendo por isso difícil, mesmo para o não-especialista, dar passos importantes na identificação de um grande número de aves que se encontram no dia-a-dia da cidade ou do campo. Este guia apresenta essas espécies, nas suas plumagens mais típicas, permitindo assim uma aprendizagem acessível a quem quiser conhecer (e reconhecer) uma boa parte da avifauna da Guiné-Bissau. Apesar de este ser um guia sobre as aves comuns, foram também incluídas algumas aves mais raras, fosse pelo seu simbolismo ou por estarem hoje-em-dia muito ameaçadas.

No total das 150 espécies ilustradas, pretendeu-se ainda retratar a diversidade de tipos morfológicos e ecológicos que ocorrem na Guiné-Bissau, tentando assim dar a conhecer aves de vários grupos diferentes.

Este guia é pois uma arca do tesouro em que as jóias são as espécies, produtos de milhões de anos de evolução. Cada uma tem o seu segredo, seja um canto especial, uma plumagem colorida, um ninho artístico, hábitos curiosos, migrações extraordinárias! Cada espécie é única e maravilhosa, mas para nos apercebermos disso, o primeiro passo é ir lá para fora, e reconhecê-la, sabermos-lhe o nome. Tal como com uma pessoa, ou com um novo amigo, sabermos o nome é o primeiro passo.

“Catchu bali”.

Paulo Catry

MARE - Marine and Environmental Sciences Centre,
ISPA - Instituto Universitário

Como observar aves

A observação de aves é uma actividade que qualquer pessoa pode fazer facilmente em qualquer local. Não é preciso ser-se um especialista ou ter binóculos para observar (e ouvir) aves. O mais importante é ter curiosidade e vontade de observá-las. Existe uma grande diversidade e abundância de aves por toda a Guiné-Bissau, mesmo em locais profundamente alterados, como as cidades.

A maior parte das aves (à excepção de algumas aves planadoras, como os *jugudés*) está normalmente mais activa durante o dia às horas de menor calor – o início da manhã e o final da tarde. Por essa razão, é durante estes períodos que se conseguem ver mais espécies e em maior abundância. Contudo, algumas aves têm o seu ritmo diário dependente do ciclo das marés e não tanto da temperatura ou da luminosidade. São aves aquáticas, que se alimentam nas lamas que ficam expostas durante a maré-vazia e descansam nos *tarrafes* e nas praias quando a maré sobe.

A diversidade de aves varia frequentemente consoante os habitats. As aves que encontramos numa lagoa são geralmente diferentes daquelas que encontramos numa floresta. Há locais, como as *bolanhas* ou os *tarrafes*, onde muitas aves se concentram devido à abundância de alimento e de sítios para repouso. Na aproximação a esses e a outros locais devemos caminhar lentamente, fazer silêncio e evitar movimentos bruscos. Dessa forma, as aves assustam-se menos, tornando mais fácil a sua detecção e observação.

A utilização de binóculos facilita muito a observação das aves e possibilita ver certos pormenores que, de outra forma, passariam despercebidos. São muitas as marcas e os modelos disponíveis, mas os binóculos que ampliam a imagem 8 ou 10 vezes (por exemplo, 8x42 ou 10x42) costumam ser muito apropriados.

Os guias de campo são também uma ajuda preciosa na identificação de aves. A consulta prévia do guia ajuda-nos a conhecer os principais grupos de aves (pombas, periquitos, garças, patos, etc.) que podemos encontrar em determinado local, facilitando em muito a identificação quando estamos no terreno.

Um pequeno caderno, onde possamos registar a nossas observações enquanto estamos no terreno, pode ser útil para anotar as espécies observadas, o seu número, pormenores da plumagem ou do comportamento de uma ave que não foi possível identificar, ou até para fazer um desenho.

As aves que se reproduzem em colónias, como as garças, os pelicanos, as gaivotas ou os garajaus, bem como algumas espécies ameaçadas de extinção, são muito sensíveis e facilmente podem abandonar os seus ninhos se forem perturbadas por pessoas ou animais. Como regra, há sempre que manter alguma distância, de modo a não afectar a actividade normal das aves, evitando chegar próximo de ninhos, de dormitórios ou de zonas onde estejam muitas aves juntas a alimentarem-se.

Como identificar aves?

A identificação de aves é um desafio que quase se pode comparar a um jogo. É grande a diversidade de formas, de cores, de tamanhos e de comportamentos das aves. São muitas as espécies, sendo algumas muito parecidas entre si. O objectivo final deste jogo é o de descobrir a combinação única que permite alcançar a identificação correcta da ave que estamos a observar.

Neste desafio, existem vários níveis de dificuldade que estão relacionados com as espécies propriamente ditas, com as condições de observação (como o tempo, a distância, a luminosidade) e com as ferramentas extra que temos à nossa disposição, como binóculos e guias de aves, que podem ser muito úteis.

Um dos primeiros aspectos a ter em conta é perceber qual o habitat em que a ave se encontra. Se numa *tabanca* virmos uma grande ave castanha pousada num telhado ou numa mangueira, é mais provável tratar-se de um *jugudé* do que de um abutre-das-palmeiras juvenil, que também é castanho, mas que vive perto dos *tarrafes* e dos rios.

O tamanho geralmente ajuda muito na identificação. Comparar o tamanho da ave que estamos a observar com o de outras que conhecemos bem, como um *catchu-caldeirão*, uma rola ou uma choca, pode, numa primeira fase, ajudar a eliminar muitas outras espécies semelhantes, mas que têm tamanhos diferentes.

A forma de uma ave é essencial para proceder a uma identificação correcta. A forma do bico (se é fino ou grosso, se é curto ou comprido, se é direito ou curvo) está relacionada com a alimentação. As patas podem dar-nos informações sobre o meio onde vivem as aves. Por exemplo, as andorinhas ou os andorinhões, que passam muito tempo a voar,

têm patas muito curtas quase sempre “invisíveis”, enquanto que as garças, que passam grande parte do dia pousadas dentro de água, têm as patas longas. O comprimento da cauda e das asas também é importante.

Devemos prestar ainda atenção à coloração: *Há alguma cor que se destaca do resto da plumagem? Existe contraste entre a parte superior da ave e a parte inferior? Há alguma barra clara na asa ou uma risca por cima do olho? E qual a cor das asas, da cauda ou da cabeça?* Não esquecer que a posição e a intensidade da luz podem alterar a cor “verdadeira” da ave.

Por outro lado, ter atenção aos comportamentos, como por exemplo se uma ave está isolada ou num bando, se caminha no chão ou se está pousada num poste, se bate as asas enquanto voa ou se tem um voo planado, pode também ajudar na identificação. Do mesmo modo, os chamamentos ou os cantos são frequentemente o primeiro contacto que temos com as aves. São muitos e variados, mas com o tempo e dedicação é possível aprendê-los.

Gradualmente seremos capazes de identificar cada vez mais espécies de aves e maior será o prazer na observação e na descoberta do seu mundo fascinante. Tentar encontrar todas as espécies de aves que existem na Guiné-Bissau é já um jogo aliciante. Naturalmente, vamos querer conhecer mais e mais e o desafio não termina: existem no mundo mais de 11 mil espécies de aves!...

Como utilizar este guia?

No início do texto de cada espécie é apresentado o **nome comum** em português (pt) ou o nome no crioulo guineense (cr) nos casos em que este é bem conhecido. Seguidamente aparece o nome científico, escrito em latim (formado por duas palavras: o nome do género e o restritivo específico), que é um nome universal que os investigadores utilizam para designar as espécies. São também apresentados os nomes comuns na língua balanta (ba) e no felupe da zona de Varela (fl), sempre que estes são conhecidos.

O **tamanho** das aves é indicado pelo comprimento, em centímetros, medido desde a ponta do bico até à ponta da cauda (Comp). Para algumas espécies, que se observam com frequência a voar, é também indicada a envergadura, medida desde a ponta de uma asa à ponta da outra com as asas abertas (Env). As medidas apresentadas são as médias das medidas indicadas por Svensson *et al.* (2009) e Borrow & Demey (2008). De forma a facilitar a interpretação dos tamanhos, as espécies de uma mesma página são colocadas alinhadas relativamente a uma escala (em cm), permitindo uma comparação rápida dos tamanhos entre elas.

No **texto** é feita referência à zona de ocorrência na Guiné-Bissau, ao local de origem (no caso das espécies migradoras), ao habitat preferencial, ao comportamento (que por

vezes pode ajudar na identificação), à dieta e à abundância da espécie. Além destes aspectos, para algumas espécies é ainda referido o período de ocorrência, as plumagens mais típicas, o estatuto de conservação (se é uma espécie ameaçada de extinção), aspectos notáveis da sua ecologia e ameaças.

Finalmente, é apresentado um **desenho** para cada espécie. Nos casos em que existe grande variação de plumagens numa mesma espécie, é indicada qual a plumagem ilustrada. Devido à grande diversidade de aves que ocorrem na Guiné-Bissau, em alguns casos só será possível fazer uma identificação segura com ajuda de um guia de identificação mais abrangente, que inclua todas as espécies de aves do país ou da região.

Nota técnica – taxonomia e nomenclatura

A taxonomia utilizada neste guia segue aquela proposta pela BirdLife International (2016). Os nomes comuns em português, salvo raras exceções, são aqueles propostos por outros autores, nomeadamente Frade & Bacelar (1955, 1959), Rosa Pinto (1983), Costa *et al.* (2000), Dodman *et al.* (2004), Matias *et al.* (2007) e Barlow & Dodman (2015). Nos casos das espécies para as quais não existiam nomes comuns em português, adoptaram-se os nomes da base de dados do Xeno-canto.

O primeiro nome comum apresentado para cada espécie é o nome em português (pt), uma vez que até à data da publicação deste guia não existia ainda uma lista de nomes no crioulo guineense (cr). Nos casos em que os nomes no crioulo guineense são utilizados de forma corrente, foi este o nome adoptado. Por exemplo, foi dada prioridade ao termo “jugudé”, que é aquele que é mais utilizado no crioulo guineense, em detrimento de “jagudi”, mais utilizado em português.

Por fim, são apresentados os nomes em duas línguas locais – balanta (ba) e felupe da região de Varela (fl) – para cerca de metade das espécies deste guia. Para uma mesma espécie podem existir diferentes nomes na mesma língua, referindo-se aqui apenas um. Espera-se que a lista agora apresentada contribua para estimular a recolha de mais nomes com o objectivo de reforçar este trabalho e de melhorar eventuais imprecisões que poderão subsistir.

De modo a facilitar a leitura, são utilizados de forma sistemática termos do crioulo guineense para designar determinados habitats, como *bolanha* quando nos referimos aos arrozais alagados e *tarrafe* quando mencionamos o mangal (ver glossário no final deste guia).

Espécies

Abelharuco-dourado 40

Merops pusillus

Abelharuco-persa 39

Merops persicus

Abibe-de-carúnculas 28

Vanellus senegallus

Abibe-de-esporas 27

Vanellus spinosus

Abutre-das-palmeiras 35

Gypohierax angolensis

Águia-cobreira-da-Guiné 35

Circus beaudouini

Águia-pesqueira 34

Pandion haliaetus

Águia-sapeira 37

Circus aeruginosus

Alcaravão-do-Senegal 26

Burhinus senegalensis

Alfaneque 43

Falco biarmicus

Alma-de-Beafada 38

Bucorvus abyssinicus

Alvéola-amarela 63

Motacilla flava

Andorinha-da-Guiné 52

Hirundo lucida

Andorinha-de-peito-ruivo 51

Cecropis semirufa

Andorinhão-das-palmeiras 18

Cypsiurus parvus

Andorinhão-pequeno 18

Apus affinis

Andorinha-rabijunca 52

Hirundo smithii

Andorinha-riça 51

Psalidoprocne obscura

Arcebispo 60

Euplectes afer

Barbadinho-de-frente-amarela 42

Pogonius chrysoconus

Beija-flor-de-barriga-amarela 59

Cinnyris venustus

Beija-flor-de-colar 57

Hedydipna collaris

Beija-flor-esplêndido 58

Cinnyris coccinigastrus

Beija-flor-rabiverde 58

Cinnyris chloropygius

Bico-carmim 59

Quelea quelea

Bico-de-serra-cinzeno 38

Lophoceros nasutus

Bico-de-serra-preto 39

Lophoceros semifasciatus

Bispo-laranja 60

Euplectes franciscanus

Boita-rabilonga 50

Prinia subflava

Borrelho-grande-de-coleira 27

Charadrius hiaticula

Canário-de-testa-amarela 63

Crithagra mozambica

Carraceiro 23

Bubulcus ibis

Carriça-costiverde 49

Eremomela pusilla

Carriça-rabeta 49

Sylvietta brachyura

Cartaxo-nortenho 57

Saxicola rubetra

Catchu-caldeirão 61

Ploceus cucullatus

Cuco-bronzeado 19

Chrysococcyx caprius

Cuco-do-Senegal 18

Centropus senegalensis

Engole-malagueta 52

Pycnonotus barbatus

Felosa-de-dorso-verde 49

Camaroptera brachyura

Felosa-musical 53

Phylloscopus trochilus

Felosa-poliglota 50

Hippolais polyglotta

Flamingo-comum 15

Phoenicopterus roseus

Choca 14

Pternistis bicalcaratus

Colhereiro-africano 21

Platalea alba

Coruja-das-torres 33

Tyto alba

Corvo-marinho-africano 25

Microcarbo africanus

Drongo 46

Dicrurus adsimilis

Estorninho-bispo 55

Cinnyricinclus leucogaster

Estorninho-metálico-de-cauda-curta 55

Lamprolornis purpureus

Estorninho-metálico-esplêndido 55

Lamprolornis splendidus

Estorninho-metálico-rabilongo 54

Lamprolornis caudatus

Franga-d'água-preta 19

Zapornia flavirostris

Freirinha 62

Charadrius lapponica

Fuinha-dos-juncos 50

Cisticola juncidis

Fuselo 29

Limosa lapponica

Gaivina-preta 32

Chlidonias niger

Gaiivota-de-cabeça-cinza 31

Larus cirrocephalus

Galinha-do-mato 14

Numida meleagris

Ganga 19

Balearia pavonina

Garajau-comum 32

Sterna hirsuta

Garajau-de-bico-preto 33

Thalasseus sandvicensis

Garajau-real 33

Thalasseus maximus

Garça-ardósia 24

Egretta ardesiaca

Garça-branca-grande 24

Ardea alba

Garça-dos-recifes 24

Egretta gularis

Garça-gigante 23

Ardea goliath

Garça-nocturna 22

Nycticorax nycticorax

Garça-real 23

Ardea cinerea

Garçote-de-cabeça-negra 22

Butorides striata

Gavião-chicra 37

Accipiter badius

Gralha-de-barriga-branca 48

Corvus albus

Grifo-africano 36

Gyps africanus

Guarda-rios-de-peito-azul 41

Halcyon malimbica

Guarda-rios-malhado 41

Ceryle rudis

Íbis-sagrada 21

Threskiornis aethiopicus

Jabiru 21

Ephippiorhynchus senegalensis

Jacana-comum 28

Actophilornis africanus

Jugudé 36

Necrosyrtes monachus

Lagarteiro-riscadinho 44

Campephaga phoenicea

Maçarico-das-rochas 30

Actitis hypoleucos

Maçarico-de-dorso-malhado 31

Tringa glareola

Maçarico-galego 28

Numenius phaeopus

Mergulhão-serpente 26

Anhinga rufa

Milhafre-preto 38

Milvus migrans

Milherango 29

Limosa limosa

Mioto-papa-lagartos 36

Kaupifalco monogrammicus

Mocho-d'orelhas-africano 34

Otus senegalensis

Noitibó-rabilongo 17

Caprimulgus climacurus

Olho-branco 53

Zosterops senegalensis

Papa-figos-dourado 44

Oriolus auratus

Papagaio-cinzeno-de-Timneh 43

Pittacus timneh

Papa-moscas-de-olheiras 45

Platysteira cyanea

Papa-moscas-preto 56

Melaenornis edolioides

Papa-ratos 22

Ardeola ralloides

Pardal-cinzeno 62

Passer griseus

Pássaro-martelo 25

Scopus umbretta

Pato-de-faces-brancas 14

Dendrocygna viduata

Pato-ferrão 15

Plectropterus gambensis

Pato-orelhudo 15

Nettapus auritus

Pavão-azul 20

Musophaga violacea

Pavão-cinzeno 20

Crinifer piscator

Pega-africana 48

Ptilostomus afer

Peito-celeste 61

Uraeginthus bengalus

Peito-de-fogo 61

Lagonosticta senegala

Pelicano-cinzeno 25

Pelecanus rufescens

Peneireiro 42

Falco tinnunculus

Peneireiro-cinzeno 34

Elanus caeruleus

Perdiz-do-mar-comum 31

Glareola pratincola

Periquito-massarongo 43

Pocephalus senegalus

Periquito-rabijunco 44

Psittacula krameri

Perna-vermelha-comum 30

Tringa totanus

Pernilongo 26

Himantopus himantopus

Petinha-de-dorso-liso 63

Anthus leucophrys

Pica-boi 54

Buphagus africanus

Picanço-assobiador 46

Tchagra senegalus

Picanço-barreteiro 48

Lanius senator

Picanço-da-Gâmbia 45

Dryoscopus gambensis

Picanço-da-Guiné 46

Laniarius turatii

Picanço-de-bico-amarelo 47

Corvinella corvina

Pica-pau-cinzeno 42

Dendropicos goertae

Pigargo-africano 37

Haliaeetus vocifer

Pilrito-das-praias 30

Calidris alba

Pilrito-de-bico-comprido 29

Calidris ferruginea

Pomba-verde 17

Teron calvus

Poupinha 45

Prionops plumatus

Rabilongo-bronzeado 58

Cinnyris pulchellus

Rola-de-colar-da-Guiné 16

Streptopelia vinacea

Rola-de-manchas-azuis 17

Turtur afer

Rola-dos-palmares 16

Spilopelia senegalensis

Rola-grande-de-coleira 16

Streptopelia semitorquata

Rolieiro-da-Abissínia 40

Coracias abyssinica

Rolieiro-de-barriga-azul 40

Coracias cyanogaster

Rolieiro-de-bico-amarelo 41

Galinha - do - mato (cr)

Numida meleagris

Pintada (pt)

Comp 63 cm

Ave inconfundível, maior que uma galinha doméstica. Frequenta zonas de savana arbórea e de floresta aberta no leste e no sul do país. Ocorria noutras regiões, mas devido à caça descontrolada tem vindo a desaparecer em muitos locais. Forma bandos de pequena a média dimensão.



Choca

Pternistis bicalcaratus

Comp 32 cm

Apesar de ser muito caçada, é ainda uma ave comum. Ocorre em todo o país. Tem um chamamento muito característico. Observa-se aos pares ou em pequenos grupos familiares em zonas abertas, principalmente nos terrenos de cultivo, savanas e *lalas*.



Pato - de - faces - brancas

Dendrocygna viduata

Comp 46 cm

Frequenta uma grande diversidade de zonas de água doce com vegetação, como *bolanhas*, lagoas e *lalas*. Os juvenis têm as faces acastanhadas. Produz um chamamento muito característico, que se ouve regularmente quando voa. Ocorre em bandos que podem ter muitas centenas de indivíduos durante a estação seca.



Pato - ferrão

Plectropterus gambensis

Thifathe (ba), Cubuquetaco (fl)

Comp 88 cm

É o maior pato que ocorre na Guiné-Bissau. Em voo consegue-se observar uma área branca na barriga e na parte da frente das asas. Geralmente é tímido, não permitindo a aproximação, sendo caçado em vários locais. Frequenta zonas de água doce extensas, como lagoas, *bolanhas* e *lalas*.



Pato - orelhudo

Nettapus auritus

Comp 32 cm

Relativamente raro e localizado. É o mais pequeno dos patos do país. Vive em lagoas de água doce permanente, ricas em vegetação flutuante (sobretudo nenúfares), onde se observa aos pares ou em pequenos bandos. Raramente se afasta da água, alimentando-se enquanto mergulha.



Flamingo - comum

Phoenicopterus roseus

Comp 132 cm | Env 155 cm

Ave migradora que não se reproduz na Guiné-Bissau. Ocorre na costa, em bandos, junto à foz dos principais rios e nas zonas estuarinas dos Bijagós. Alimenta-se nos bancos de vasa de onde retira pequenos invertebrados, que filtra do lodo e da água, com o seu bico. Os juvenis são cinzentos-acastanhados. Pode confundir-se com o flamingo-pequeno (não ilustrado).



Rola - grande - de - coleira

Streptopelia semitorquata

Canodaco (fl)

Comp 32 cm

É a maior rola do país. Tem o dorso castanho escuro e uma barra preta a meio da cauda. Está mais associada às florestas do litoral (incluindo os Bijagós) e do sul do país. Ocorre geralmente em abundâncias elevadas. É uma das espécies de aves mais caçadas na Guiné-Bissau.



Rola - de - colar - da - Guiné

Streptopelia vinacea

Pumba (cr), Caisilitaco (fl)

Comp 25 cm

Muito caçada, sobretudo por caçadores europeus, mas ainda muito abundante. Ocorre em todo o país, sendo comum em zonas de savana arbórea e áreas agrícolas, incluindo *bolanhas*. Alimenta-se de sementes que encontra no chão. Observa-se isolada ou em pequenos bandos.



Rola - dos - palmares

Spilopelia senegalensis

Corcalod (ba), Caisilitaco (fl)

Comp 24 cm

Muito típica nas *tabancas*, nas cidades e nas áreas agrícolas próximas destas. Pousa frequentemente nos telhados das casas. Consome pequenas sementes e insectos que encontra no chão. É sedentária, observando-se isoladamente ou aos casais.



Rola - de - manchas - azuis

Turtur afer

Haberen arrimbe (ba), Djandingulau (fl)

Comp 20 cm

Esta pequena rola vive essencialmente em zonas florestais, frequentando também terrenos de cultivo. É muito comum, sendo mais escassa no leste. Observa-se geralmente sozinha ou aos pares, enquanto se alimenta no chão. Emite um chamamento muito característico que se pode ouvir todo o dia.



Pomba - verde

Treron calvus

Pumba-verde (cr), Halon (ba), Hulechatchaho (fl)

Comp 27 cm

Frequenta as florestas do litoral e do leste do país. Alimenta-se de figos e de outros frutos nas copas das árvores, confundindo-se com a folhagem. Ao contrário das rolas, não pousa no solo. Em algumas regiões é muito caçada, mas ainda é comum. Produz um som característico e muito diferente do das rolas.



Noitibó - rabilongo

Caprimulgus climacurus

Catchu-caminho (cr), Aregba (ba), Humbaforau (fl)

Comp 36 cm

Ave nocturna que se observa sobretudo voando ao crepúsculo ou pousada nos caminhos à noite. Frequenta uma grande variedade de habitats, desde *lalas* a zonas florestais, onde se alimenta apenas de insectos voadores. Distingue-se de outras espécies semelhantes por ter a cauda muito comprida.



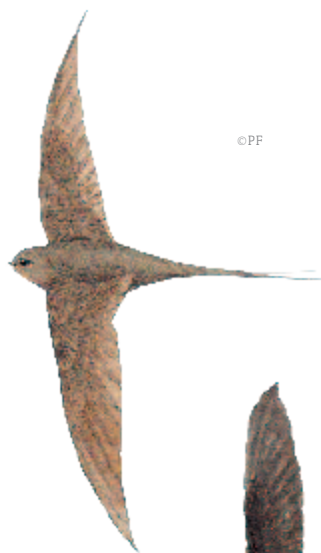
Andorinhão - das - palmeiras

Cypsiurus parvus

Nfitandol (ba), Djanaiau (fl)

Comp 16 cm

Tem um voo muito rápido e ágil. Observa-se com frequência em pequenos bandos barulhentos enquanto voa a baixa altitude. Alimenta-se de pequenos insectos que captura em voo. Ocorre em diversos habitats, incluindo *tabancas* e cidades, desde que tenham palmeiras-de-cibe, onde faz os ninhos.



©PF

Andorinhão - pequeno

Apus affinis

Nfitandol (ba), Djanaiau (fl)

Comp 13 cm

Abundante nas cidades e junto a construções de grande dimensão, como portos e pontes, onde ocorre em bandos que podem ter muitas centenas de indivíduos. Menos comum nas *tabancas*. Captura insectos em voo, por vezes a grande altitude. Os andorinhões estão altamente adaptados à vida no ar, nunca pousando no solo nem nas árvores para descansar, podendo dormir em voo.



©PF

Cuco - do - Senegal

Centropus senegalensis

Hadud Nfilala (ba), Hurototau (fl)

Comp 38 cm

Encontra-se um pouco por toda a parte, isoladamente ou aos pares. Frequenta zonas com ervas altas associadas a arbustos e árvores, como zonas agrícolas, orlas de floresta e bermas de estradas. Também se observa em cidades. Caminha no chão, ao contrário da maior parte dos cucos, e trepa às árvores, fazendo por vezes voos curtos e desajeitados. Alimenta-se de insectos e de pequenos vertebrados.



ADULTO

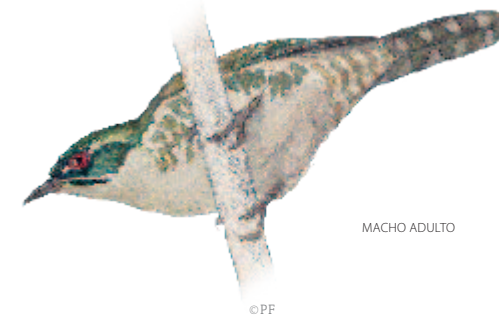
©PF

Cuco - bronzeado

Chrysococcyx caprius

Comp 19 cm

Relativamente discreto, é mais fácil de ouvir do que ver. Os machos têm a plumagem verde metalizada com reflexos bronzeados na parte superior; as fêmeas são mais acastanhadas. Frequenta savanas arbóreas, zonas desmatadas (incluindo terrenos de cultivo) e *lalas*. Não constrói ninho, colocando os seus ovos nos ninhos dos tecelões.



MACHO ADULTO

©PF

Franga - d'água - preta

Zapornia flavirostra

Nhanhà (ba), Baquirimghap (fl)

Comp 21 cm

Vive em zonas de água doce, como lagoas, charcos, rios e ribeiros. Esconde-se na vegetação, mas não é raro observar-se enquanto caminha na orla desta. Ocorre em todo o país, sendo menos abundante no leste. É omnívora, alimentando-se de invertebrados, de pequenos peixes, de anfíbios, de sementes e de animais mortos.



ADULTO

©PF

Ganga (cr)

Balearica pavonina

Grou-coroado (pt), N'ghanghu (ba), Eghatai (fl)

Comp 100 cm | Env 190 cm

Ao contrário das aves apresentadas neste guia, a ganga é rara e localizada. Ocorre nos vales dos principais rios do país, de forma isolada ou em pequenos bandos, frequentando zonas de água doce pouco profunda, incluindo *bolanhas*. Devido à sua beleza e comportamento é frequentemente capturada e mantida em cativeiro. Está ameaçada de extinção.



ADULTO

©EA



Pavão - cinzento

Crinifer piscator

Hucucutau (fl)

Comp 50 cm

Comum em todo o país em zonas de savana arbórea, margens de rios e terrenos de cultivo, sempre que existam árvores relativamente altas. Pousa nas copas, onde se detecta com facilidade, normalmente aos casais ou pequenos grupos. Um dos seus chamamentos faz lembrar o de um cão pequeno.



© PF

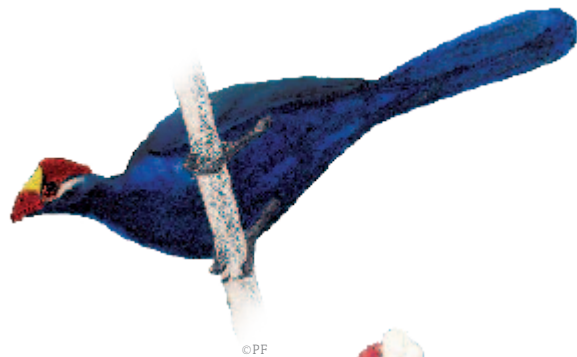
Pavão - azul

Musophaga violacea

Edjelai (fl)

Comp 48 cm

Espécie florestal que ocorre em locais com árvores altas. Frequenta também terrenos de cultivo na orla da floresta. Observa-se aos pares ou em pequenos bandos. É muito ágil e corre sobre os troncos das árvores. Voa apenas curtas distâncias entre as copas das árvores.



© PF

Tântalo - africano

Mycteria ibis

Anhés (ba), Cadjilaco (fl)

Comp 100 cm | Env 160 cm

Devido ao seu tamanho e plumagem, esta espécie de cegonha é fácil de detectar em voo ou pousada. É muito mais abundante junto ao litoral e nos vales dos grandes rios. Habita uma grande diversidade de zonas de água doce ou salobra. Junta-se em pequenos bandos, pescando em grupo com outras aves aquáticas, principalmente garças e pelicanos.



ADULTO

© PF

Jabiru

Ephippiorhynchus senegalensis

Comp 148 cm | Env 255 cm

É uma das maiores aves da Guiné-Bissau. Tem a altura de uma pessoa baixa. O seu grande tamanho e coloração tornam-na inconfundível. Frequenta zonas húmidas bem conservadas e ricas em peixe. Ocorre geralmente isolada ou aos casais, em locais como as lagoas de Cufada, de Vendu Tcham ou o arquipélago dos Bijagós. É muito rara e localizada.



ADULTO

© PF

Colhereiro - africano

Platalea alba

Pàlpal (ba), Cadjilaco (fl)

Comp 90 cm

Tem um bico muito característico com a forma de colher. Movimenta o bico para os lados, em água pouco profunda, para capturar invertebrados, peixes e anfíbios. Ocorre principalmente no litoral numa grande diversidade de zonas húmidas, sobretudo estuários e lagoas pouco profundas.



ADULTO

© EA

Íbis - sagrada

Threskiornis aethiopicus

Hutna hato (ba), Cairiraco (fl)

Comp 74 cm | Env 120 cm

Concentra-se no litoral, principalmente nos Bijagós. O bico curvo e longo distingue-na facilmente das garças e das cegonhas. Frequenta uma grande diversidade de habitats aquáticos ou marinhos. Ao final do dia reúne-se em dormitórios, como acontece no Ilhéu dos Pássaros, junto a Bissau, na companhia de outras aves aquáticas.



© PF



Garça - nocturna

Nycticorax nycticorax

N'queide (ba), Cuguhacu (fl)

Comp 62 cm | Env 95 cm

Esta garça tem hábitos noturnos, observando-se geralmente após o pôr do sol. Durante o dia repousa em dormitórios em árvores ou arbustos nas proximidades de água. Frequenta zonas húmidas com vegetação bem desenvolvida. Os juvenis são castanhos com pintas claras. Alimenta-se de peixes, de crustáceos, de anfíbios e de insectos.



Garçote - de - cabeça - negra

Butorides striata

N'dul tchac (ba), Djangohau (fl)

Comp 44 cm | Env 65 cm

Ocorre isoladamente. Habita zonas húmidas, como *tarrafes* e *bolanhas* próximas destes, no litoral e nos vales dos principais rios. Está presente todo o ano, mas é durante a época das chuvas (ou logo após) que mais facilmente se observa, quando invade muitas das cidades do país para se reproduzir nas grandes mangueiras.



Papa - ratos

Ardeola ralloides

N'queide (ba), Cofau (fl)

Comp 45 cm | Env 79 cm

Esta garça tem aspecto castanho-amarelado quando poisada, que contrasta com a cor branca das asas e da cauda visíveis enquanto voa. Muito comum nas *bolanhas* e nas lagoas de água doce do litoral e dos vales dos grandes rios. Devido à sua plumagem e ao facto de mover-se lentamente, passa facilmente despercebida. Alimenta-se de insectos, de peixes, de anfíbios e de roedores.



Carraceiro

Bubulcus ibis

Parémon (ba), Caladjaco (fl)

Comp 49 cm | Env 89 cm

Tem hábitos mais terrestres do que as outras garças, ocorrendo em campos abertos com frequência junto do gado. Comum nas povoações e nas lixeiras, mas também em habitats aquáticos. É a garça mais abundante do país, reunindo-se em dormitórios que podem ter milhares de indivíduos. Alimenta-se de gafanhotos, de aranhas, de anfíbios e de pequenos roedores.



Garça - real

Ardea cinerea

Paréfúr (ba), Hugasassau (fl)

Comp 93 cm | Env 165 cm

Garça grande com pescoço comprido. Ocorre geralmente isolada ou em pequenos grupos na maior parte das zonas húmidas do litoral. É mais abundante na época seca, altura em que chegam à Guiné-Bissau as aves oriundas da Europa. A parte de baixo das asas é escura. Alimenta-se principalmente de peixes.



Garça - gigante

Ardea goliath

Peréquilathé (ba), Husadjelahu (fl)

Comp 143 cm | Env 220 cm

É a maior garça do mundo. O seu enorme tamanho permite distingui-la de todas as outras garças. É solitária ocorrendo em baixa densidade. Observa-se no litoral, sobretudo nos Bijagós e nos estuários dos principais rios, preferindo zonas húmidas extensas, incluindo as costas das ilhas. Alimenta-se principalmente de peixes.



100
50
0
cm



Garça - branca - grande

Ardea alba

Paréhi (ba), Fifau (fl)

Comp 93 cm | Env 158 cm

Reconhece-se facilmente pelo seu grande tamanho e pelo pescoço muito longo, sendo a maior das garças-brancas do país. Tem uma pequena risca escura por baixo do olho que permite distingui-la da garça-branca-intermédia (não ilustrada). Observa-se geralmente isolada em praticamente todos os habitats aquáticos. Nidifica em colónias, em grandes árvores, como sucede em Bissau. Consome peixes, anfíbios e insectos.



©PF

Garça - ardósia

Egretta ardesiaca

Parémon (ba), Djacasacau (fl)

Comp 52 cm | Env 93 cm

Tem uma forma única de pescar, formando um círculo com as asas, que lembra um guarda-chuva, que faz sombra na água para atrair os peixes de que se alimenta. Tem o olho escuro. Encontra-se apenas em zonas de água doce ou salobra, no litoral e nos vales dos grandes rios. Observa-se em pequenos bandos ou isolada, em zonas de água pouco profunda, como lagoas temporárias, *bolanhas*, *tarrafes* e margens de rios.



©PF

Garça - dos - recifes

Egretta gularis

Parémon (ba), Fifau (fl)

Comp 62 cm | Env 100 cm

Muito comum. Distingue-se da garça-preta por ter a garganta branca e o olho amarelo. Ocorre isolada ou em pequenos bandos em habitats de água salgada ou salobra no litoral, como zonas entre-marés (em praias, vasas e piscinas naturais nas rochas), *tarrafes* e *bolanhas*. Ao final do dia reúne-se em grandes dormitórios. Alimenta-se de pequenos peixes, de crustáceos e de moluscos, dando por vezes corridas curtas para os capturar.



©PF

Pássaro - martelo

Scopus umbretta

N'tós (ba), Djabanorau (fl)

Comp 53 cm | Env 90 cm

É inconfundível. Ocorre isolado ou aos pares em *bolanhas*, lagoas e margens de rios e de ribeiras situados em zonas abertas e savana arbórea. Alimenta-se de anfíbios, de peixes, de crustáceos, de insectos e de roedores. O seu grande ninho, construído com ramos e lama, depois de abandonado serve de local de reprodução e de abrigo a outras aves e mamíferos.



©PF

Pelicano - cinzento

Pelecanus rufescens

N'Facal (ba), Husofeaho (fl)

Comp 129 cm | Env 278 cm

Confunde-se apenas com o outro pelicano que também ocorre no país. Os juvenis são acastanhados. É muito grande e desajeitado em terra. Tem um bico muito característico que utiliza para capturar peixes. Observa-se em zonas estuarinas, em grandes lagoas ou no mar. Pousa na água ou em árvores (e *tarrafes*) para descansar. Voa rente à água ou por vezes planando a grande altitude.



©PF

Corvo - marinho - africano

Microcarbo africanus

Amotchila (ba)

Comp 54 cm | Env 85 cm

Observa-se geralmente a nadar ou pousado em zonas expostas, por vezes com as asas abertas. Está presente em todo o país, sempre associado a habitats aquáticos, como rios, estuários, *bolanhas* e lagoas, onde captura pequenos peixes através de mergulhos. Os jovens são acastanhados com a parte inferior esbranquiçada. Ocorre isolado ou em pequenos grupos, mas nos dormitórios pode ser numeroso.



ADULTO

©PF



Mergulhão - serpente

Anhinga rufa

Amotchila (ba)

Comp 80 cm | Env 120 cm

Semelhante a um corvo-marinho, mesmo no comportamento, mas com um pescoço muito mais longo e esguio (como o das garças). Ocorre no litoral, em meios aquáticos extensos, como *tarrafes*, rios e grandes lagoas. Nidifica em colónias mistas, por vezes em cidades, com garças e outras aves aquáticas, em grandes árvores. Pode voar a grande altitude juntamente com pelicanos e cegonhas.

ADULTO



© PF

Alcaravão - do - Senegal

Burhinus senegalensis

Djahequiecau (fl)

Comp 37 cm | Env 78 cm

Tem hábitos nocturnos. É mais frequente ouvir o seu chamamento ao crepúsculo do que vê-lo. Ocorre sobretudo no litoral, isolado ou em pequenos bandos, na orla (terrestre) dos *tarrafes*, em praias, nas margens de canais, de rios e de lagoas, mas também em zonas abertas secas nas proximidades destes. Durante o dia descansa no solo debaixo da vegetação. Alimenta-se de insectos, de crustáceos e de outros invertebrados.



© PF

Pernilongo

Himantopus himantopus

TchiuTchiu (ba)

Comp 35 cm | Env 75 cm

Tem um aspecto inconfundível. Grande parte da população é invernante, tendo origem no Sul da Europa. Ocorre isoladamente ou em pequenos bandos, sobretudo junto à costa e nas *lalas* de grandes rios. Frequenta zonas húmidas de água pouco profunda, como *bolanhas* e lagoas de pequena a média dimensão. Alimenta-se de insectos.



© PF

Tarambola - cinzenta

Pluvialis squatarola

Comp 28 cm | Env 60 cm

Reproduz-se nas regiões árticas, deslocando-se dezenas de milhares de quilómetros anualmente para passar os meses de Setembro a Abril na Guiné-Bissau. É uma ave costeira que vive nas vasas dos Bijagós e das zonas estuarinas. Captura pequenas minhocas, moluscos e crustáceos. Durante a maré-cheia reúne-se em grupos compactos.

ADULTO
NÃO REPRODUTOR



© PF

Borrelho - grande - de - coleira

Charadrius hiaticula

Comp 18 cm | Env 38 cm

Ave migradora de longa distância oriunda da Europa e do Ártico. Está presente de Setembro a Abril. Ocorre nos Bijagós e na costa, sobretudo nas vasas entre-marés dos rios e dos estuários, mas também nas lagoas costeiras quando a lama já está exposta. Observa-se em pequenos bandos. Alimenta-se de pequenos invertebrados.



© PF

Abibe - de - esporas

Vanellus spinosus

Auita (ba), Djaquetuguetau (fl)

Comp 27 cm

Está presente todo o ano no litoral e nos vales dos principais rios. Frequenta uma grande variedade de habitats abertos com vegetação rasteira, sempre nas proximidades de água. Os adultos têm uma espora, difícil de ver, nos ombros. O seu chamamento é característico, por vezes barulhento. Observa-se geralmente aos pares. Alimenta-se de insectos e de invertebrados do solo.



© PF

100
50
0
cm



Abibe - de - carúnculas

Vanellus senegallus

Auita (ba), Djahecuhecau (fl)

Comp 34 cm

É uma ave sedentária que ocorre em todo o país. Frequenta habitats terrestres abertos, geralmente nas proximidades da água, como *lalas*, *bolanhas* e campos de *pampam*. O seu nome deriva das duas pequenas carúnculas amarelas do bico. Ocorre isoladamente ou em pequenos grupos. Alimenta-se de invertebrados do solo.



©PF

Jacana - comum

Actophilornis africanus

Djacacau (fl)

Comp 30 cm

As suas patas e dedos compridos permitem-lhe caminhar sobre os nenúfares e outras plantas flutuantes. Ocorre em todo o país sempre associado a habitats aquáticos de água doce. É abundante em lagoas com vegetação bem desenvolvida e em *bolanhas*. Na estação seca podem observar-se bandos com centenas de indivíduos. Alimenta-se de insectos e de pequenos invertebrados que captura à superfície.



©PF

ADULTO

Maçarico - galego

Numenius phaeopus

lama tchoque (ba), Djaudorau (fl)

Comp 41 cm | Env 83 cm

Presente todo o ano, sobretudo de Agosto a Abril. Reproduz-se na Islândia. Muitos indivíduos fazem um voo directo de 6000 km durante 4 ou 5 dias, sem beber e sem comer, quando regressam à Guiné-Bissau. Ocorre nos Bijagós, na costa e nos principais rios, frequentando as lamas entre-marés, os *tarrafes* e as praias arenosas e rochosas. Alimenta-se isoladamente, principalmente de *cacres* e de outros caranguejos.



©PF

Fuselo

Limosa lapponica

Djaudorau (fl)

Comp 37 cm | Env 67 cm

Faz uma longa migração desde a Sibéria, onde nidifica, até à Guiné-Bissau. Concentra-se nos Bijagós e nos estuários dos grandes rios, principalmente de Setembro a Abril. Observa-se nas vasas entre-marés, onde captura invertebrados que vivem enterrados no lodo, com ajuda do seu bico que funciona como uma sonda. Na maré-vazia ocorre em pequenos bandos, mas na maré-cheia reúne-se em bandos com centenas ou milhares de indivíduos.



©PF

Milherango

Limosa limosa

Comp 40 cm | Env 69 cm

Visita o país entre Julho e Dezembro, onde por vezes se concentra grande parte da população reprodutora na Europa ocidental. Tem preferência pelas *bolanhas* alagadas e lagoas temporárias, ocorrendo em bandos de pequena a média dimensão. Consome grãos de arroz (e de outras plantas) e invertebrados que obtém no solo. É uma espécie classificada como Quase-ameaçada de Extinção.



©PF

ADULTO
NÃO REPRODUTOR

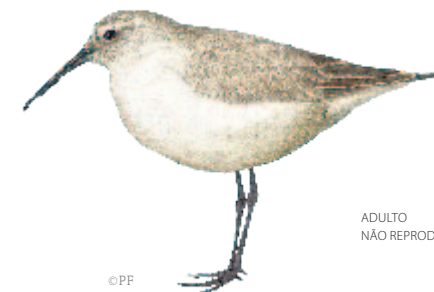
Pilrito - de - bico - comprido

Calidris ferruginea

Djaquiquiorau (fl)

Comp 21 cm

Esta pequena ave reproduz-se no alto Ártico. Faz uma longa migração até à Guiné-Bissau, onde é muito abundante de Setembro a Março, ocorrendo em bandos de pequena a média dimensão. Nas vasas entre-marés da costa, em especial nos Bijagós, chega a concentrar-se metade da população mundial. Por altura da reprodução é cor-de-tijolo na parte inferior. Alimenta-se de pequenos invertebrados.



ADULTO
NÃO REPRODUTOR

©PF



Pilrito - das - praias

Calidris alba

Djaquiquihorau (fl)

Comp 20 cm

É mais abundante de Setembro a Março. Observa-se em bandos de pequena a média dimensão nos Bijagós e na costa. Gosta de áreas arenosas nas praias e nas zonas entre-marés. Corre rapidamente junto à rebentação, seguindo a linha da maré, para se alimentar de pequenos invertebrados. É das aves que se reproduzem mais a norte no mundo, no alto Ártico, a apenas 1000 km do pólo norte.



Maçarico - das - rochas

Actitis hypoleucos

TchiuTchiu (ba), Djaquiquihorau (fl)

Comp 19 cm | Env 34 cm

Movimenta constantemente a cauda para cima e para baixo. Ocorre isoladamente nas proximidades de água, sobretudo em *tarrafes*, *bolanhas* e margens de rios e de lagoas. Os maçaricos-das-rochas que visitam o país reproduzem-se na Europa ocidental e central. É mais abundante de Agosto a Abril. Voa rente à água. Alimenta-se de insectos e de outros invertebrados.



Perna - vermelha - comum

Tringa totanus

lama tchoque (ba), Djaudorau (fl)

Comp 26 cm | Env 50 cm

Ave migradora oriunda do Norte da Europa. É abundante nos Bijagós e na parte final dos principais rios, sobretudo de Setembro a Março. Frequenta principalmente os *tarrafes*, as *vasas* entre-marés e as *bolanhas*. Ocorre isoladamente ou em pequenos grupos. Alimenta-se de invertebrados que encontra na lama.



Maçarico - de - dorso - malhado

Tringa glareola

Djaquiquihorau (fl)

Comp 20 cm | Env 37 cm

Encontra-se em zonas de água doce pouco profunda com vegetação aquática (*bolanhas*, lagoas temporárias e *lalas*). Esta ave migradora oriunda do Norte da Europa é mais abundante de Setembro a Abril, observando-se isoladamente ou em pequenos bandos. Pode confundir-se com outras espécies semelhantes tais como o maçarico-bique-bique (não ilustrado). Alimenta-se de invertebrados.



Perdiz - do - mar - comum

Glareola pratincola

Comp 26 cm | Env 65 cm

Observa-se com frequência em voo, por vezes a grande altitude, em bandos que podem ter muitas dezenas de indivíduos, enquanto se alimenta de insectos. É mais comum no litoral. Frequenta habitats abertos extensos com vegetação baixa, geralmente nas proximidades de água, como *lalas*, *bolanhas* e margens de lagoas. Durante a estação seca as aves do sudoeste europeu visitam o país.



Gaivota - de - cabeça - cinza

Larus cirrocephalus

Djarragaliua (fl)

Comp 41 cm | Env 108 cm

Comum na costa, sobretudo nos Bijagós e nos estuários dos principais rios. Observa-se em bandos de pequena dimensão ao longo de todo o ano. Fora da época reprodutora os adultos têm a cabeça branca com uma pequena mancha escura atrás do olho. Alimenta-se de pequenos peixes, bem como de uma grande diversidade de outros animais e de desperdícios humanos.



Tagaz

Gelochelidon nilotica

Djaragaliau (fl)

Comp 39 cm | Env 81 cm

O voo elegante desta andorinha-do-mar observa-se nas zonas estuarinas dos Bijagós e dos principais rios, nas *bolanhas* e nas lagoas costeiras. Ocorre todo o ano, isolada ou em pequenos bandos, sendo mais abundante de Setembro a Abril, quando as aves europeias visitam o país. Na época reprodutora, os adultos são pretos na parte superior da cabeça. Tem uma dieta variada que inclui *cacres* e gafanhotos.



ADULTO NÃO REPRODUTOR

© PF

Gaivina - preta

Chlidonias niger

Comp 24 cm | Env 59 cm

Reproduz-se na Europa e visita o país de Setembro a Abril. Frequenta sobretudo as áreas marinhas, nomeadamente perto dos Bijagós, observando-se também nos estuários dos grandes rios. No período reprodutor é preta na cabeça e no corpo. Ocorre em bandos de pequena a grande dimensão. Alimenta-se de pequenos peixes que os cardumes de *sareias* empurram até à superfície, capturando também insectos em voo.



ADULTO NÃO REPRODUTOR

© PF

Garajau - comum

Sterna hirundo

Djaragaliau (fl)

Comp 36 cm | Env 75 cm

Observa-se no mar, sendo comum nos Bijagós, onde ocasionalmente se reproduz em pequeno número. A maioria dos indivíduos observados na Guiné-Bissau, entre Setembro e Abril, é proveniente das colónias europeias. Ocorre isoladamente ou em pequenos bandos, que podem ser numerosos enquanto descansa. Alimenta-se de pequenos peixes, que detecta em voo, capturando-os através de um mergulho na vertical.



ADULTO NÃO REPRODUTOR

© PF

Garajau - de - bico - preto

Thalasseus sandvicensis

Comp 40 cm | Env 91 cm

Enquanto se alimenta de pequenos peixes é frequente ouvir os seus gritos agudos. Peneira antes de mergulhar na vertical. É uma ave marinha costeira que se observa principalmente entre Setembro e Abril nas praias e nos estuários dos Bijagós e do continente. Grande parte dos garajaus que visitam o país reproduzem-se na Europa ocidental e do norte.



ADULTO NÃO REPRODUTOR

© PF

Garajau - real

Thalasseus maximus

Balilalé (ba), Djaragaliau (fl)

Comp 46 cm | Env 89 cm

Tem a testa branca a maior parte do ano. Observa-se junto à costa, sendo especialmente abundante nos Bijagós. Ocorre isolada ou em pequenos bandos, mas durante a reprodução concentra-se apenas em alguns locais que podem ter milhares de casais. As maiores colónias de África encontram-se na Guiné-Bissau e no Senegal. Alimenta-se de peixes e de invertebrados.



ADULTO REPRODUTOR

© PF

Coruja - das - torres

Tyto alba

Coroló (ba), Hucologhaho (fl)

Comp 36 cm | Env 88 cm

Ave nocturna que raramente se observa durante o dia. À noite é frequente ouvir o seu chamamento emitido em voo. Ocorre em todo o país, mesmo nas pequenas ilhas isoladas, frequentando uma grande diversidade de habitats (excluindo florestas densas) geralmente nas proximidades das habitações. O seu voo é silencioso para facilitar a captura dos ratos e das pequenas aves de que se alimenta.



© PF



Mocho-d'orelhas - africano

Otus senegalensis

Comp 17 cm

N'cuca (ba), Hucolologhaho (fl)

Apesar de ser comum, não é fácil observá-lo. Tem hábitos nocturnos. A sua plumagem confunde-se com os troncos das árvores onde passa o dia a descansar. O seu pio característico ouve-se durante a noite em *tabancas* e zonas florestadas um pouco por todo o país.



©PF

Águia - pescadeira

Pandion haliaetus

Comp 56 cm | Env 160 cm

Passa grande parte do dia pousada em pontos elevados próximo da água. Localiza em voo os peixes de que se alimenta, capturando-os através de um mergulho. É uma ave migradora, mais frequente de Setembro a Março, proveniente da Europa ocidental e do norte. É sobretudo branca na parte inferior do corpo.



©PF

Peneireiro - cinzento

Elanus caeruleus

Comp 34 cm | Env 78 cm

Mais comum no litoral, mas raro nos Bijagós. Frequenta zonas abertas com vegetação baixa, principalmente *bolanhas* e *lalas*, mas também bermas de estradas. Pousa em pontos altos, geralmente no topo de uma árvore. Muito activo ao anoitecer, altura em que se observa a peneirar, geralmente isolado, para caçar pequenos ratos.



©PF

Serpentário - pequeno

Polyboroides typus

Comp 64 cm | Env 160 cm

Ao contrário da maioria das aves de rapina, é tolerante à presença do Homem frequentando as proximidades das *tabancas*. Ocorre, isoladamente ou aos pares, em zonas de floresta e de savana arbórea durante todo o ano. Os juvenis são castanhos. Alimenta-se de uma grande variedade de animais, incluindo cobras.



ADULTO

©PF

Abutre - das - palmeiras

Gypohierax angolensis

Coteduá (cr)

Comp 60 cm | Env 145 cm

Encontra-se em todo o país, mas é muito mais abundante nos Bijagós e no litoral. Habita os *tarrafes*, as zonas entre-marés, os rios e as grandes lagoas. Observa-se geralmente isolado, mas concentra-se onde o alimento é abundante. O juvenil é castanho. Tem hábitos diferentes dos dos outros abutres. Come chabéu e uma grande variedade de animais, incluindo peixes mortos e caranguejos.



ADULTO

©PF

Águia - cobreira - da - Guiné

Circaetus beaudouini

Comp 66 cm | Env 170 cm

Observa-se a voar ou pousada num ponto alto, geralmente isolada. Pouco comum, mas presente em todo o país à excepção dos Bijagós. Frequenta habitats abertos em zonas de savana arbórea e de floresta aberta, como *lalas*, *bolanhas* e clareiras. Pode confundir-se com outras espécies. Alimenta-se de cobras que detecta em voo peneirado. Está ameaçada de extinção.



©PF



Jugudé (cr)

Necrosyrtes monachus

Jagudi (pt)

Comp 70 cm | Env 176 cm

Bem conhecido da maior parte das pessoas, é fácil observá-lo em cidades e *tabancas*, frequentemente em pequenas lixeiras, matadouros e portos onde se alimenta de desperdícios deixados pelo Homem e de animais mortos. O seu papel ecológico na natureza e nas cidades é essencial, ajudando a eliminar doenças e parasitas. Escasso no sudeste e no sul do país. Embora ainda seja abundante na Guiné-Bissau, está muito ameaçado de extinção em toda a África.

ADULTO



© PF

Grifo - africano

Gyps africanus

Jagudi-fidalgo (cr)

Comp 89 cm | Env 215 cm

Pouco comum, ocorrendo de forma localizada sobretudo na metade norte do país, em zonas de savana e próximo das *tabancas*. É enorme. Observa-se geralmente em voo, em pequenos grupos, com frequência juntamente com os *jugudés* que são claramente menores. Alimenta-se de animais mortos contribuindo para a eliminação de doenças perigosas. As suas populações estão muito ameaçadas de extinção.

ADULTO



© PF

Mioto - papa - lagartos

Kaupifalco monogrammicus

Comp 36 cm | Env 79 cm

Semelhante ao gavião-chicra, mas maior e com uma risca preta na garganta e com uma banda branca na cauda preta. Esta pequena ave de rapina ocorre um pouco por toda a parte em áreas florestadas, zonas agrícolas e grandes cidades, como Bissau ou Bafatá, sendo raro nos Bijagós. A sua dieta inclui lagartixas, pequenas cobras, insectos e outros animais.



© PF

Águia - sapeira

Circus aeruginosus

Comp 49 cm | Env 128 cm

Surge isoladamente, voando geralmente baixo junto à vegetação em zonas húmidas, como *lalas*, *bolanhas*, rios e lagoas. Ocorre em todo o país, mas é mais comum no litoral. É uma ave migradora proveniente da Europa, sendo frequente de Setembro a Abril. As fêmeas e os juvenis são castanhos com a coroa e os ombros claros. Alimenta-se de pequenos mamíferos, de insectos e de aves.

MACHO ADULTO



© PF

Gavião - chicra

Accipiter badius

Comp 28 cm | Env 59 cm

Ocorre isoladamente ou aos pares em zonas de savana arbórea e outras áreas abertas, incluindo cidades, geralmente nas proximidades de árvores. Por altura da reprodução não é raro vê-lo a entrar e a sair das mangueiras. O seu chamamento ouve-se com frequência. Alimenta-se de pequenos répteis e de insectos.



© PF

Pigargo - africano

Haliaeetus vocifer

Comp 68 cm | Env 215 cm

Relativamente raro, ocorrendo quase exclusivamente junto à costa, principalmente nos Bijagós. Esta grande águia-pesqueira observa-se, isoladamente ou aos casais, em zonas húmidas pouco perturbadas e ricas em peixe, como estuários, *tarrafes*, rios e grandes lagoas. Os juvenis são castanhos adquirindo gradualmente a plumagem dos adultos. Alimenta-se principalmente de peixes que captura à superfície com as suas grandes garras.

ADULTO



© PF



Milhafre - preto

Milvus migrans

Inhalé (ba), Curingataco (fl)

Comp 55 cm | Env 143 cm

Comum nas grandes cidades, nas estradas, nos portos ou nos grandes rios, onde procura desperdícios, animais mortos e peixe. É mais abundante durante a estação seca devido à presença dos migradores que vêm de norte. Escasso em grande parte do leste. Observa-se isoladamente ou em bandos de pequena a média dimensão, frequentemente na companhia de outras aves necrófagas.



© PF

Alma - de - Beafada (cr)

Bucorvus abyssinicus

Calau-da-Abissínia (pt), Tuluk (ba), Hulititau (fl)

Comp 100 cm

É uma ave rara e espectacular. O seu grande tamanho e plumagem tornam-na inconfundível. Observa-se aos casais ou em pequenos grupos familiares, enquanto caminha lentamente no solo à procura de insectos, de répteis, de aves e de anfíbios. Frequenta vários tipos de savana, podendo também encontrar-se dentro da floresta aberta. Reproduz-se apenas a cada três anos. Apesar da falta de conhecimento actual suspeita-se que poderá estar ameaçada de extinção na África ocidental.



© PF

MACHO ADULTO

Bico - de - serra - cinzento

Lophoceros nasutus

Ebomai (fl)

Comp 48 cm

O bico-de-serra-cinzento pertence à família dos calaus. Pode encontrar-se em pequenos grupos nas copas das árvores, em zonas de savana arbórea. Nas florestas muito densas é geralmente substituído pelo bico-de-serra-preto. Tem um pio e um voo ondulante muito característicos. Alimenta-se de uma grande variedade de insectos, de frutos e de répteis.



MACHO ADULTO

© PF

Bico - de - serra - preto

Lophoceros semifasciatus

Tchanco (ba), Calompulopaco (fl)

Comp 52 cm

Faz-se notar facilmente pelos seus pios característicos. É comum nas florestas densas e bem desenvolvidas do litoral e do sul do país. Tal como sucede com os outros calaus, a fêmea incuba os ovos num buraco de árvore, cuja entrada é fechada pelo macho que a alimenta através de uma pequena abertura até às primeiras semanas das crias. Alimenta-se de frutos silvestres e de insectos.



© PF

Zombeteiro - de - bico - vermelho

Phoeniculus purpureus

Huguegau (fl)

Comp 38 cm

Vive em grupos barulhentos de pequena a média dimensão. Defende activamente o território contra grupos de outros indivíduos da mesma espécie. Ocorre em todo o país em zonas de savana arbórea, podendo encontrar-se em pomares de caju e em zonas urbanas com árvores. Pouco comum nos Bijagós. Pode descer até ao solo enquanto procura os insectos de que se alimenta.



© PF

ADULTO

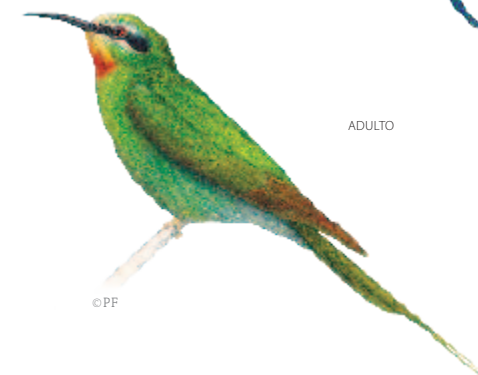
Abelharuco - persa

Merops persicus

Horok bisouhe (ba), Djafulopocau (fl)

Comp 25 cm (excluindo as penas do par central da cauda)

Ave migradora oriunda do Noroeste de África. Ocorre em todo o país sendo mais abundante no litoral e durante a estação seca. Observa-se aos pares, frequentemente em voo ou pousada no topo de arbustos e de árvores de pequena dimensão, em habitats abertos e *tarrafes*. O seu nome deve-se ao facto de alimentar-se de abelhas, consumindo também vespas e libelinhas.



© PF

ADULTO



Abelharuco - dourado

Merops pusillus

Horok (ba), Djapolopocau (fl)

Comp 16 cm

É o mais pequeno dos abelharucos. Observa-se aos casais ou em pequenos grupos, com frequência pousado em plantas baixas ou no topo das termiteiras em *lalas*, savanas e zonas agrícolas. Alimenta-se de insectos que captura através de voos curtos.



Rolieiro - da - Abissínia

Coracias abyssinicus

Ndok (ba), Hucororahu (fl)

Comp 29 cm (excluindo as penas exteriores da cauda)

Fácil de observar isoladamente ou aos pares. Pousa em postes, árvores secas e fios eléctricos. Frequenta zonas abertas com árvores dispersas, como *bolanhas*, *lalas*, zonas agrícolas e savanas. Ocorre praticamente todo o ano, sendo mais abundante na estação seca. Alimenta-se sobretudo de insectos e de pequenos répteis.



Rolieiro - de - barriga - azul

Coracias cyanogaster

Cacuada (ba), Hucororahu (fl)

Comp 29 cm (excluindo as penas exteriores da cauda)

Inconfundível. Encontra-se em todo o país, geralmente aos casais ou em pequenos grupos. Ocorre principalmente em áreas recentemente desmatadas em zonas florestais e de savana arbórea. Pousa no topo das árvores e dos postes. Tem um chamamento característico que se ouve com frequência. Caça insectos e pequenos répteis.



Rolieiro - de - bico - amarelo

Eurystomus gaucurus

Hungohelahu (fl)

Comp 30 cm

Pousa no topo de árvores altas em clareiras (frequentemente em terrenos de cultivo) e na orla de zonas florestais. Observa-se todo o ano, geralmente isolado ou aos casais. É muito activo ao crepúsculo. A sua silhueta faz por vezes lembrar um falcão. Alimenta-se de insectos que captura frequentemente em voo a partir do poiso.



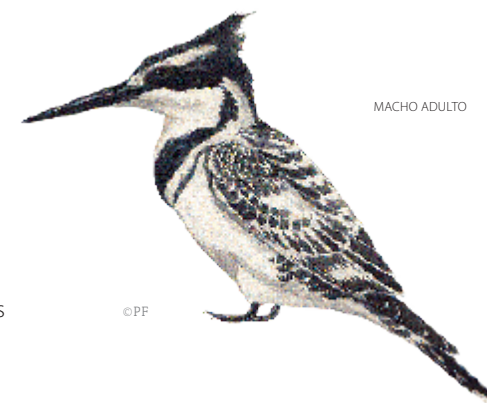
Guarda - rios - malhado

Ceryle rudis

Balebalé (ba), Djangarau (fl)

Comp 26 cm

Muito fácil de observar, pousando em ramos e varas sobre a água. Ocorre aos casais ou em pequenos grupos na costa e nos rios, frequentando *tarrafes*, canais de *bolanhas* e lagoas. Escava o ninho numa barreira por vezes em colónias. As fêmeas têm um colar interrompido. Alimenta-se de peixe que captura através de um mergulho em voo peneirado.



Guarda - rios - de - peito - azul

Halcyon malimbica

Comp 25 cm

Tem um pio muito característico. Apesar da sua plumagem vistosa nem sempre é fácil vê-lo, escondendo-se na vegetação abaixo da copa. É uma ave florestal que ocorre um pouco por todo o país, isolada ou aos pares. O peito azul permite distingui-lo de outras espécies semelhantes. Alimenta-se de insectos, mas também de pequenos vertebrados.



Barbadinho-de-frente-amarela

Pogoniulus chrysoconus

Djaridjau (fl)

Comp 11,5 cm

O seu chamamento (uma série quase sem fim de *pup-pup-pup...*) ouve-se frequentemente, mesmo às horas de maior calor. É muito pequeno e difícil de observar. Frequenta as copas das árvores, isolado ou aos pares, sobretudo em zonas de savana arbórea. Junta-se com frequência a bandos mistos de aves. Alimenta-se de insectos e de frutos silvestres.



©PF

Pica-pau-cinzento

Dendropicos goertae

N'concod (ba), Djacocobenau (fl)

Comp 20 cm

É provavelmente o pica-pau mais comum do país. Observa-se isoladamente ou aos casais, geralmente agarrado aos troncos e aos ramos das árvores. Ocorre em áreas florestadas (inclusivamente junto às *tabancas*) principalmente em zonas de savana arbórea. O seu chamamento áspero é fácil de ouvir. Alimenta-se principalmente de insectos que vivem na casca das árvores.



©PF

Peneireiro

Falco tinnunculus

Comp 34 cm | Env 73 cm

Este falcão, cujo nome deriva de peneirar enquanto caça, observa-se na estação seca. É provável que grande parte dos indivíduos que se observam no país tenham origem na Europa, embora alguns sejam residentes na região. Ocorre em todo o território em zonas abertas, principalmente em *lalas*, *bolanhas* e savanas. A fêmea é castanha. Caça gafanhotos e outros insectos, alimentando-se também de pequenos répteis e de mamíferos.



MACHO ADULTO

©PF

Alfaneque

Falco biarmicus

Comp 47 cm | Env 100 cm

É um dos maiores e mais comuns falcões do país (sendo raro no sul), encontrando-se sobretudo nas áreas abertas em vários tipos de savana. Visita com frequência as *tabancas* capturando por vezes os pintos das galinhas. A sua dieta é à base de aves pequenas e médias que captura em voo ou no solo.



©PF

Papagaio-cinzento-de-Timneh

Psittacus timneh

Comp 33 cm

Muito raro e ameaçado de extinção. Na Guiné-Bissau, em algumas ilhas dos Bijagós, encontra-se uma das últimas populações desta espécie. Reproduz-se em florestas relativamente bem conservadas, onde existam árvores grandes. A destruição do habitat e a captura para manutenção em cativeiro são as suas principais ameaças. Imita muitos sons diferentes. Alimenta-se de frutos e de sementes.



©PF

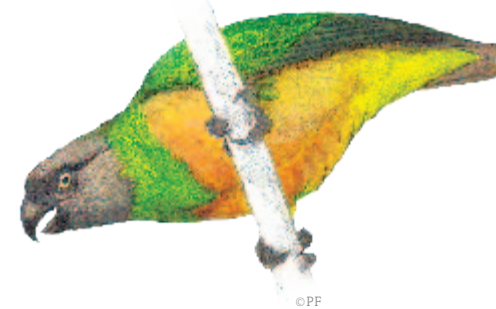
Periquito-massarongo

Poicephalus senegalus

Furé (ba), Efuruguegai (fl)

Comp 23 cm

O seu chamamento agudo ouve-se com frequência em zonas de savana arbórea e de floresta. Encontra-se também em zonas de cultivo com árvores e em cidades. Apesar de ser muito capturado para cativeiro, é ainda comum na maior parte do país. Observa-se aos casais ou em pequenos grupos em ramos expostos. Alimenta-se de frutos e de sementes.



©PF

40
20
0
cm



Periquito - rabijunco

Psittacula krameri

Furé (ba), Efuruguegai (fl)

Comp 40 cm (a fêmea é um pouco menor)

Detecta-se facilmente através dos seus gritos agudos enquanto voa. Quando pousado confunde-se com a vegetação. Frequenta uma grande diversidade de habitats, geralmente onde existam árvores. Ocorre em todo o país sendo raro nos Bijagós. Surge em bandos pequenos, reunindo-se em dormitórios de pequena a média dimensão. Alimenta-se de sementes e de frutos.



Papa - figos - dourado

Oriolus auratus

Hudjamenahu (fl)

Comp 24 cm

Embora seja muito colorido, esconde-se na vegetação densa na copa das árvores, sendo difícil de observar. É facilmente detectado pelo seu canto melodioso. Ocorre todo o ano, geralmente isolado, em zonas de floresta e de savana arbórea onde existam árvores grandes. Encontra-se em todo o país, mas é escasso nos Bijagós. Alimenta-se de frutos silvestres (como figos) e de insectos.



MACHO ADULTO

Lagarteiro - riscadinho

Campephaga phoenicea

Comp 20 cm

Presente em todo o país (raro nos Bijagós). O macho, apesar de ter um comportamento discreto, vê-se mais frequentemente do que a fêmea (castanha-azinzentada com a parte inferior branca barrada de preto), que passa facilmente despercebida. É uma ave florestal que também ocorre em savanas arbóreas onde a vegetação é densa. Alimenta-se de insectos, incluindo lagartas.



MACHO ADULTO

Poupinha

Prionops plumatus

Fóhùl (ba)

Comp 21 cm

Fácil de identificar. Observa-se em pequenos grupos em zonas de savana arbórea e de floresta aberta um pouco por todo o país. É relativamente comum em pomares de caju. Não ocorre nos Bijagós. Alimenta-se principalmente de insectos e de pequenos frutos nos ramos baixos de árvores e arbustos.



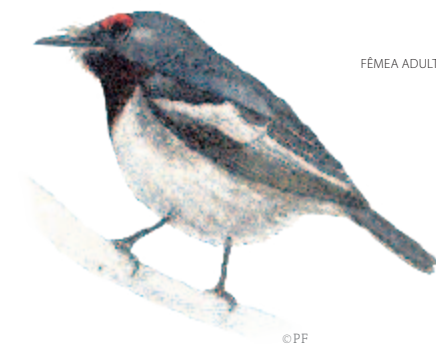
Papa - moscas - de - olheiras

Platysteira cyanea

Pakpàe (ba)

Comp 13 cm

Comum em todo o país, mesmo em pequenos ilhéus nos Bijagós. Encontra-se em zonas de savana arbórea e de floresta. Não é raro em pomares de caju e na orla dos *tarrafes*. Gosta de arbustos e de árvores baixas. O macho tem a garganta branca. Observa-se aos casais ou em grupos familiares, juntando-se com frequência a bandos mistos. Alimenta-se de insectos.



FÊMEA ADULTA

Picanço - da - Gâmbia

Dryoscopus gambensis

Comp 19 cm

Observa-se geralmente aos casais na copa das árvores enquanto procura insectos nas folhas. Emite regularmente vários tipos de chamamentos. Ocorre em todo o país, mas é escasso nos Bijagós. Frequenta diferentes tipos de florestas, savanas arbóreas e terrenos de cultivo com árvores. A fêmea é acastanhada com a cabeça cinzenta.



MACHO ADULTO



Picanço - assobiador

Tchagra senegalus

Comp 21 cm

Pouco comum. Frequenta principalmente zonas de savana arbórea, *lalas* com árvores baixas e arbustos, e terrenos de cultivo. Saltita no solo escondido entre a vegetação. É tímido e difícil de observar, ocorrendo isoladamente. O seu canto – uma série de assobios – ouve-se com facilidade. Alimenta-se sobretudo de insectos.



Picanço - da - Guiné

Laniarius turatii

Comp 23 cm

Pouco comum. A Guiné-Bissau é dos poucos países onde esta espécie ocorre. Encontra-se um pouco por toda a parte (excepto nos Bijagós) em zonas de savana arbórea, de floresta aberta e antigas zonas de *pampam*, onde a vegetação é densa. Surge geralmente aos pares e pode juntar-se a bandos mistos. Canta no período das chuvas. Alimenta-se de insectos.



Drongo

Dicrurus adsimilis

N'rénthu (ba), Humbruguedjau (fl)

Comp 24 cm

Observa-se pousado em zonas expostas, como ramos altos, postes e fios, a partir das quais faz voos curtos para capturar insectos em voo, regressando ao mesmo local. Ocorre isoladamente ou aos casais, em zonas com vegetação densa com árvores e clareiras, e também em cidades. Tem a cauda bifurcada. É raro nos Bijagós.



Viúva - verde

Terpsiphone viridis

Djahambahambau (fl)

Comp 18 cm (o macho é maior devido às penas centrais da cauda)

Tem hábitos semelhantes aos da viúva-ruça e, tal como esta, surge isoladamente ou em pequenos grupos. Pouco comum, ocorrendo em todo o país, principalmente no litoral, incluindo os Bijagós. A fêmea tem a cauda mais curta que o macho. Alimenta-se de insectos que captura a partir de um poiso.



MACHO ADULTO

Viúva - ruça

Terpsiphone rufiventer

Cutó mbatha cothé (ba), Djahambahambau (fl)

Comp 18 cm (o macho é maior devido às penas centrais da cauda)

Ocorre um pouco por todo o país (é raro nos Bijagós) em zonas de floresta e de savana arbórea, habitando locais com vegetação densa e clareiras, geralmente por baixo da copa das árvores. Encontra-se também em pomares de caju. Apesar de detectar-se facilmente pelo seu chamamento, pode ser difícil de observar. Alimenta-se de uma grande variedade de insectos.



MACHO ADULTO

Picanço - de - bico - amarelo

Corvinella corvina

N'tata (ba), Djijadjau (fl)

Comp 32 cm

Pousa em locais bem visíveis. Vive em pequenos grupos familiares, geralmente barulhentos, em *lalas* e *bolanhas* sempre nas proximidades de árvores ou arbustos, mas também em zonas de savana arbórea com boas clareiras. É comum no litoral, mas não se encontra nos Bijagós e é escasso no sul. Alimenta-se de insectos, preferindo gafanhotos.



©PF

30
20
10
0
cm



Picanço - barreteiro

Lanius senator

Comp 18 cm

Migrador pouco comum proveniente do Sul da Europa. Visita o país na estação seca. Encontra-se sobretudo no litoral sendo escasso no interior. Gosta de *lalas* com árvores baixas e arbustos e zonas de savana arbórea com clareiras. Observa-se isoladamente pousado no topo da vegetação. É mais frequente entre Dezembro e Abril. Os juvenis têm a cabeça e as costas castanho-claro. Alimenta-se de insectos.



MACHO ADULTO

©PF

Pega - africana

Ptilostomus afer

Tomàn (ba), Quecau (fl)

Comp 35 cm

Observa-se em pequenos bandos em zonas de savana arbórea, *lalas* e *bolanhas* com árvores dispersas, frequentemente em associação com o gado. Também surge próximo das *tabancas*. É mais escassa no sul e nos Bijagós. Tem asas acastanhadas visíveis em voo. O adulto tem o bico preto. É omnívora, alimentando-se de insectos, de sementes e de frutos.



JUVENIL / IMATURO

©PF

Gralha - de - barriga - branca

Corvus albus

Nghok (ba), Eganarai (fl)

Comp 48 cm

Muito comum. Ocorre em pequenos bandos em habitats abertos, sobretudo em povoações e nas suas proximidades. Reúne-se em dormitórios, em grandes árvores, que podem ter centenas de indivíduos. Escassa em algumas zonas do leste e do sul. A sua dieta é diversificada e inclui insectos, répteis, mamíferos, sementes e carne de animais mortos.



©PF

Carricha - rabeta

Sylvietta brachyura

Dinhau (fl)

Comp 9 cm

Pouco comum, sendo rara no interior e ausente nos Bijagós. Vive em zonas abertas com arbustos e árvores dispersos, e nas orlas dos *tarrafes*. A cauda muito curta dá-lhe uma aparência invulgar. Alimenta-se de insectos que procura activamente entre os ramos, por vezes na companhia de outras aves.



©PF

Carricha - costiverde

Eremomela pusilla

Dinhau (fl)

Comp 10 cm

Muito pequena. Comum em zonas de savana de arbórea, ocorrendo também nas orlas dos *tarrafes*. Observa-se em pequenos bandos que se alimentam activamente nas copas, voando de árvore em árvore. A sua dieta é constituída principalmente por insectos.



©PF

Felosa - de - dorso - verde

Camaroptera brachyura

Comp 12 cm

Difícil de ver, mas comum. Vive escondida nos arbustos, ocorrendo em zonas de savana arbórea e nas orlas da floresta. É muito activa, sendo geralmente detectada pelo seu canto ritmado repetido regularmente. Observa-se isoladamente ou aos pares, um pouco por toda a parte, mas não ocorre nos Bijagós. Alimenta-se de insectos.



©PF



Fuinha - dos - juncos

Cisticola juncidis

Dinhau (fl)

Comp 10 cm

É minúscula. Esconde-se entre as ervas sendo difícil de observar. Pode confundir-se com outras espécies semelhantes. O seu canto – *tzit-tzit-tzit* – é fácil de escutar enquanto voa alto sobre o seu território. Comum no litoral, mas ausente em grande parte do interior. Encontra-se em locais com erva alta, como *bolanhas*, *lalas* e savanas. Alimenta-se de pequenos insectos.



Boita - rabilonga

Prinia subflava

Comp 12 cm

Encontra-se em todo o país, mas é escassa nos Bijagós. Frequenta uma grande diversidade de habitats com arbustos e ervas bem desenvolvidas, como orlas de florestas, zonas de *pampam* com poucos anos e jardins em cidades. Muito irrequieta, observa-se aos pares ou em grupos familiares. O seu canto ouve-se com frequência. Alimenta-se de insectos.



Felosa - poliglota

Hippolais polyglotta

Dinhau (fl)

Comp 13 cm

Fácil de confundir com a felosa-icterina (não ilustrada). É uma ave migradora proveniente do sudoeste da Europa observando-se principalmente de Novembro a Março. Mais comum no litoral do que no interior. Encontra-se em zonas com vegetação arbustiva densa, em habitats terrestres ou aquáticos, sendo especialmente abundante nos *tarrafes*. Alimenta-se essencialmente de insectos.



Rouxinol - dos - caniços

Acrocephalus scirpaceus

Comp 13 cm

Migrador comum de Outubro a Abril, sobretudo no litoral. É difícil de observar, permanecendo muito tempo escondido na vegetação. Frequenta principalmente os *tarrafes*, onde uma grande parte da população europeia se concentra, assim como outras plantas aquáticas, como a tabua. O seu chamamento ouve-se com frequência. Alimenta-se de pequenos insectos.



Andorinha - riça

Psalidoprocne obscura

N'fitandol (ba), Djambrugedjau (fl)

Comp 17 cm

Habita zonas de floresta e de savana arbórea onde existam grandes árvores. Frequenta as clareiras ou as orlas da floresta. Ocorre um pouco por todo o país (sendo rara nos Bijagós), surgindo aos casais ou em pequenos grupos. Não é raro observá-la a alimentar-se de insectos enquanto voa à volta da copa das grandes árvores. Os juvenis têm a cauda curta.



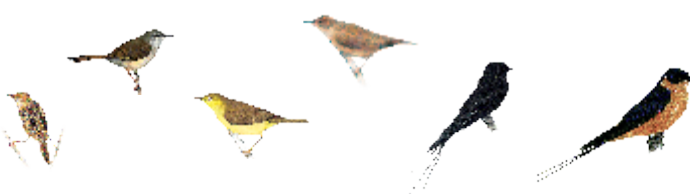
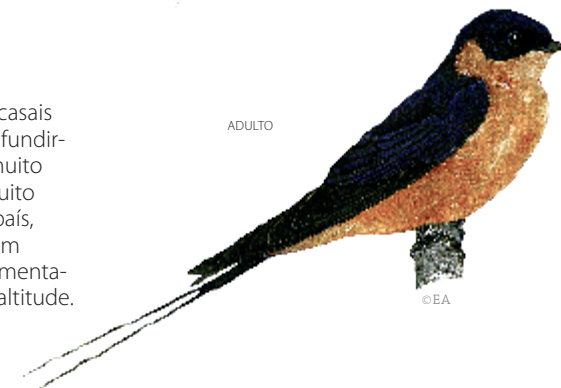
Andorinha - de - peito - ruivo

Cecropis semirufa

N'fitandol (ba)

Comp 22 cm

Pouco comum, observando-se aos casais ou em pequenos bandos. Pode confundir-se com outras andorinhas, mas é muito maior. Tem as rectrizes exteriores muito compridas. Distribui-se por todo o país, sendo escassa nos Bijagós. Ocorre em savana arbórea, *lalas* e *tabancas*. Alimenta-se de insectos, por vezes a grande altitude.



Andorinha - rabijunca

Hirundo smithii

N'fitandol (ba), Djanaurau (fl)

Comp 14 cm

Comum no litoral, mas rara no interior. As penas exteriores da cauda, muito finas e longas, e difíceis de ver a olho nu, parecem um arame ou um junco. Frequenta uma grande diversidade de habitats abertos, incluindo povoações, geralmente nas proximidades de água. Observa-se em números reduzidos, geralmente em voo, a capturar pequenos insectos.



Andorinha - da - Guiné

Hirundo lucida

N'fitandol (ba), Djanaurau (fl)

Comp 15 cm

Muito comum todo o ano. Encontra-se por toda a parte, aos pares ou em pequenos grupos, a voar ou pousada em fios ou em postes. Ocorre numa grande diversidade de habitats abertos, *tabancas* e cidades. Distingue-se da maior parte das andorinhas pela testa e garganta acastanhadas. É através do seu voo próximo do solo que captura os insectos de que se alimenta.



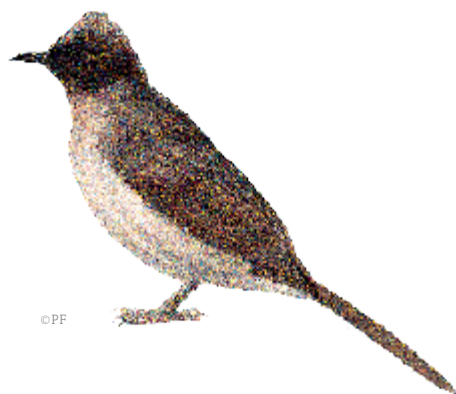
Engole - malagueta (cr)

Pycnonotus barbatus

Tuta (pt), Locó (ba), Djapotcholakau (fl)

Comp 19 cm

Muito comum por toda a parte, excepto em algumas das ilhas dos Bijagós. É facilmente detectado pelo seu canto que se pode escutar desde o amanhecer até ao pôr do sol. Observa-se aos pares ou em pequenos grupos, ocorrendo na maior parte dos habitats terrestres, sendo também comum nas cidades. Alimenta-se de frutos, de insectos, de néctar e de flores.



Felosa - musical

Phylloscopus trochilus

Comp 12 cm

Visita o país entre Outubro e Abril a partir das suas zonas de reprodução na Europa. Muito activa e irrequieta. Surge isoladamente ou em pequenos grupos numa grande diversidade de habitats terrestres e aquáticos, incluindo nas cidades. Alimenta-se de pequenos insectos que captura na copa de árvores e arbustos ou através de pequenos voos a partir destes.



Toutinegra - de - bigodes

Sylvia cantillans

Comp 13 cm

Comum nos *tarrafes*, mas por vezes difícil de ver, escondendo-se com frequência. Observa-se também em pequenas árvores e arbustos. Esta pequena ave migradora, proveniente dos países do Mediterrâneo ocidental, ocorre junto ao litoral de Outubro a Fevereiro. Produz com frequência um chamamento (*tek*) fácil de escutar. Consome maioritariamente insectos.



Olho - branco

Zosterops senegalensis

Comp 11 cm

Muito pequeno e activo. Pode confundir-se com outras espécies, mas tem um anel branco à volta do olho. Abundante em zonas de savana arbórea e de floresta aberta, principalmente no leste e no norte. Surge em pequenos grupos, juntando-se com frequência a outras aves em busca de alimento, sobretudo insectos e néctar.



Zaragateiro

Turdoides plebejus

Comp 24 cm

Barulhento, observando-se em pequenos grupos um pouco por todo o país (excepto nos Bijagós). Atrai a atenção através dos seus chamamentos que, por serem emitidos em simultâneo, fazem lembrar uma zaragata (de onde deriva o seu nome). Prefere áreas com vegetação densa, ocorrendo também em terrenos de cultivo e cidades. É omnívoro, consumindo insectos e pequenos frutos silvestres.



©PF

Pica - boi

Buphagus africanus

lunqué (ba), Danhau (fl)

Comp 22 cm

Pouco comum, ocorrendo em pequenos grupos na companhia de vacas ou de animais herbívoros selvagens. Habita as savanas e as *lalas* com árvores dispersas, ou outras áreas abertas onde o gado se alimenta. É fácil passar despercebido porque pousa no corpo dos animais à procura de carraças e de outros parasitas.



ADULTO

©PF

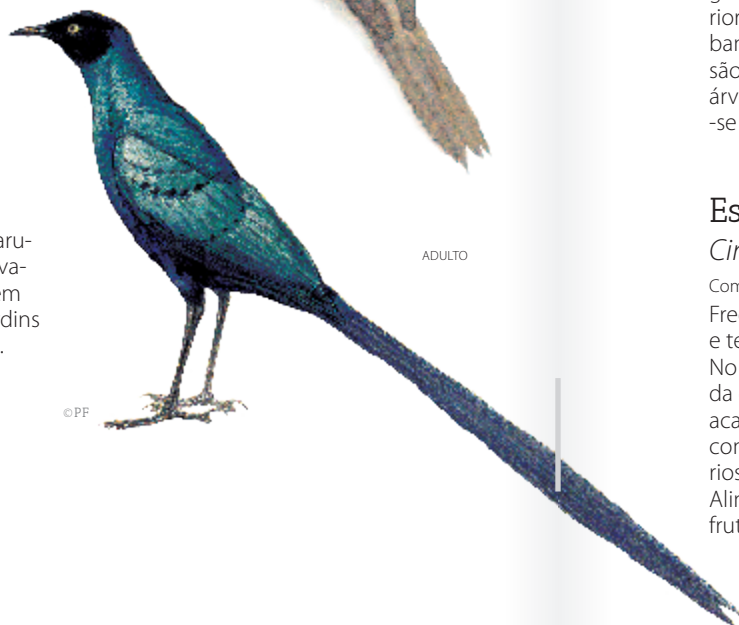
Estorninho - metálico - rabilongo

Lamprotornis caudatus

Naqué (ba), Huhaiahu (fl)

Comp 51 cm (incluindo a cauda que pode ter até 33 cm)

A cauda muito longa e flexível é a sua principal característica. Surge em bandos, geralmente barulhentos, de pequena a média dimensão. Observa-se frequentemente a caminhar no chão. Vive em áreas de savana, zonas agrícolas e parques e jardins de cidades. Alimenta-se de frutos e de insectos.



ADULTO

©PF

Estorninho - metálico - esplêndido

Lamprotornis splendidus

Naqué (ba), Huhaiahu (fl)

Comp 29 cm

Distingue-se dos outros estorninhos-metálicos pelo olho branco, maior tamanho e barulho das asas quando voa. Habita as florestas do litoral e das ilhas, encontrando-se em bandos de pequena a média dimensão nas copas das árvores. Observa-se também nos parques das cidades. É omnívoro, alimentando-se de frutos, de invertebrados (incluindo insectos) e de pequenos vertebrados.



ADULTO

©PF

Estorninho - metálico - de cauda curta

Lamprotornis purpureus

Naqué (ba), Huhaiahu (fl)

Comp 24 cm

Tem uma silhueta característica, com cabeça grande e cauda relativamente curta. A parte inferior do corpo e a cabeça são violeta. Observa-se em bandos barulhentos, de pequena a média dimensão, em zonas de savana arbórea. Utiliza também árvores nas orlas de *bolanhas* e de *lalas*. Alimenta-se de frutos silvestres, em especial de figos.



ADULTO

©PF

Estorninho - bispo

Cinnyricinclus leucogaster

Comp 17 cm

Frequenta florestas, vários tipos de savana e terrenos de cultivo (em zonas florestais). No leste, é mais comum a partir do final da estação seca. A fêmea e os juvenis são acastanhados, tendo a parte inferior branca com estrias escuras. Reúne-se em dormitórios que podem ter centenas de indivíduos. Alimenta-se de uma grande variedade de frutos, incluindo figos, e de insectos.



MACHO ADULTO

©PF



Tordo - africano

Turdus pelios

Cedau (fl)

Comp 23 cm

Vive em zonas florestadas com espaços abertos e terrenos de cultivo com árvores, ocorrendo também nos jardins das cidades. Está presente em todo o país, mas é escasso nos Bijagós. Observa-se com frequência próximo do solo ou no chão enquanto caminha à procura de insectos e de outros invertebrados. Tem um canto muito melodioso.



©EA

Papa - moscas - preto

Melaenornis edolioides

Comp 20 cm

Muito semelhante ao drongo, mas tem o olho escuro e a cauda estreita e quadrada na ponta (e não bifurcada). Os juvenis são escuros com pintas acastanhadas. Presente em todo o país, ocorrendo isoladamente ou aos casais em zonas florestadas e terrenos de cultivo com árvores. Caça insectos em voo ou no solo a partir de um poiso.



ADULTO

©PF

Tordo - de - cabeça - nevada

Cossypha niveicapilla

Cutó fiba quifi (ba), Djanumbau (fl)

Comp 21 cm

Esconde-se na vegetação, frequentemente junto ao solo, sendo difícil de observar. Vive em zonas onde a vegetação é densa frequentando vários tipos de florestas e savana arbórea. É pouco comum, ocorrendo aos pares. O seu canto é muito melodioso. Alimentar-se sobretudo de insectos e de outros invertebrados.



ADULTO

©EA

Tordo - de - cabeça - branca

Cossypha albicapillus

Thét (ba)

Comp 26 cm

Observa-se aos pares ou em pequenos grupos em locais com vegetação densa em zonas de savana arbórea e de floresta aberta, encontrando-se também em jardins nas cidades. É raro no sul e nos Bijagós. Semelhante ao tordo-de-cabeça-nevada, mas não tem colar laranja. Passa muito tempo no solo, alimentando-se de insectos e de outros invertebrados.



ADULTO

©EA

Cartaxo - nortenho

Saxicola rubetra

Comp 13 cm

É um migrador pouco comum, proveniente da Europa ocidental e do norte, que se observa durante a estação seca, sobretudo de Dezembro a Março. Frequenta habitats abertos de todo o tipo, como *lalas* e savanas. Caça pequenos insectos a partir do topo de uma erva ou de um arbusto baixo, passando facilmente despercebido.



©PF

Beija - flor - de - colar

Hedydipna collaris

Sonto (ba), Djatchtchuhenu (fl)

Comp 10 cm

Ocorre aos casais ou em pequenos grupos em habitats florestados e savana arbórea, observando-se geralmente nas orlas da floresta. É muito pequeno. A fêmea tem a garganta amarela. Procura activamente insectos e aranhas, mas também sementes e frutos, na copa de árvores e de arbustos.



MACHO ADULTO

©PF



Beija-flor - rabiverde

Cinnyris chloropygius

Sonto (ba), Djatchtchuhenu (fl)

Comp 11 cm

Encontra-se em habitats florestados visitando, aos pares ou em pequenos grupos, as flores das árvores e dos arbustos. Também ocorre em jardins de cidades. Pouco comum, sendo escasso no norte e no leste. A fêmea é verde-acastanhada na parte superior e amarelada na parte inferior. Está sempre em movimento, alimentando-se de insectos, de aranhas, de néctar e de pequenas flores.



MACHO
ADULTO

© PF

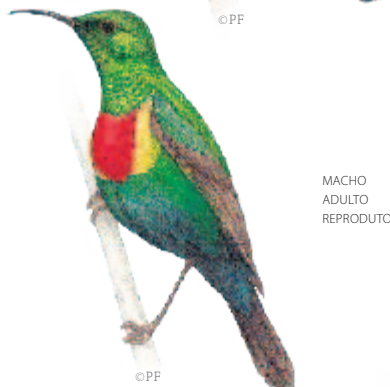
Rabilongo - bronzeado

Cinnyris pulchellus

Sonto (ba), Djatchtchuhenu (fl)

Comp 10 cm (excluindo a cauda do macho que pode ter até 6 cm)

Fora da época reprodutora o macho é verde-acinzentado na parte superior com tons amarelo-pálido na parte inferior (tal como a fêmea), mas com a cauda comprida. Bastante comum em todo o país, observando-se sobretudo na época seca. Ocorre aos casais ou em pequenos grupos em zonas de savana arbórea, *tarrafes* e jardins em cidades. Alimenta-se de néctar, de pequenas flores, de insectos e de aranhas.



MACHO
ADULTO
REPRODUTOR

© PF

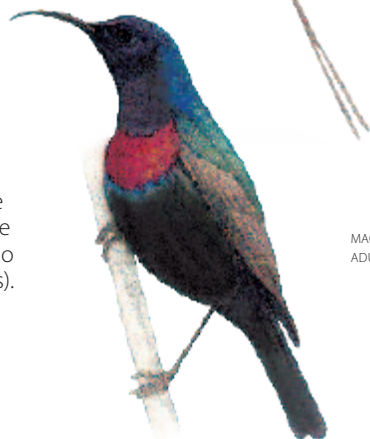
Beija-flor - esplêndido

Cinnyris coccinigastrus

Sonto (ba), Djatchtchuhenu (fl)

Comp 14 cm

Visivelmente maior que os outros beija-flores. A fêmea é verde-acastanhada na parte superior, sendo amarelada na parte inferior com estrias escuras no peito. Observa-se isoladamente ou aos casais em zonas de savana arbórea e de floresta, geralmente nas orlas e nas clareiras, ocorrendo também em cidades. Pouco comum (escasso nos Bijagós). Alimenta-se de néctar, de invertebrados e de sementes.



MACHO
ADULTO

© PF

Beija-flor - de - barriga - amarela

Cinnyris venustus

Sonto (ba), Djatchtchuhenu (fl)

Comp 10 cm

É um dos beija-flores mais comuns, encontrando-se por toda a parte aos pares ou em pequenos grupos. Parece ser menos abundante durante as chuvas. Habita uma grande diversidade de habitats florestados, incluindo *tarrafes*, terrenos de cultivo e jardins nas cidades. Fora da época reprodutora o macho é semelhante à fêmea, sendo castanho-acinzentado por cima e amarelado na parte inferior. Irrequieto, está sempre à procura de néctar, de insectos e de aranhas.



MACHO
ADULTO
REPRODUTOR

© PF

Tecelão - de - bico - branco

Bubalornis albirostris

Comp 23 cm

Faz-se notar facilmente pelos chamamentos barulhentos junto dos seus grandes ninhos comunitários construídos no alto dos poilões. Ocorre em bandos de pequena a média dimensão, na orla das *lalas* e das *bolanhas*, observando-se frequentemente no solo em zonas com boa visibilidade nas proximidades de árvores. Ausente de grande parte do sul e do leste, e dos Bijagós. Alimenta-se de sementes e de insectos.



MACHO
ADULTO
REPRODUTOR

© EA

Bico - carmim

Quelea quelea

Comp 12 cm

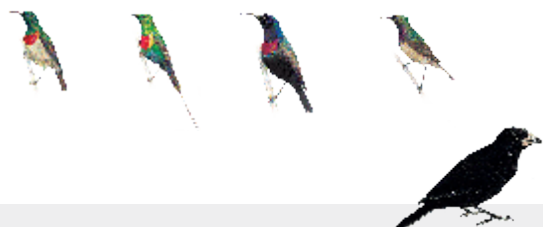
Comum no leste, mas raro no sul e nos Bijagós, ocorrendo em bandos compactos de pequena a média dimensão. Encontra-se em *bolanhas*, *lalas* e savanas, onde se alimenta de sementes e de insectos, reunindo-se em dormitórios ao final do dia. É considerada a ave mais abundante do mundo. Em algumas zonas de África os seus bandos podem ter milhões de indivíduos. A fêmea é acastanhada com o bico vermelho.



MACHO
ADULTO
REPRODUTOR

© PF

20
10
0
cm



Arcebispo

Euplectes afer

Djarodenau (fl)

Comp 11 cm

Encontra-se sobretudo no litoral, sendo escasso nos Bijagós e no leste do país. O arcebispo é uma pequena ave granívora que frequenta zonas de água doce com vegetação bem desenvolvida, principalmente *bolanhas*, mas também lagoas e *lalas*. Na estação seca ocorre em bandos compactos que podem ter muitas dezenas de indivíduos. Nesta época os machos são acastanhados como as fêmeas.



MACHO
ADULTO
REPRODUTOR

© PF

Bispo - laranja

Euplectes franciscanus

Saia-blusa (cr)

Comp 12 cm

Pouco comum, ocorrendo em todo o país à excepção dos Bijagós. Na época das chuvas, é fácil observar os machos pousados no topo das ervas em bermas de estradas, terrenos de cultivo e savanas. Durante a estação seca passa despercebido devido à cor acastanhada do macho e da fêmea. Pode confundir-se com um outro bispo (não ilustrado) que tem o topo da cabeça laranja. Alimenta-se principalmente de sementes.



MACHO
ADULTO
REPRODUTOR

© PF

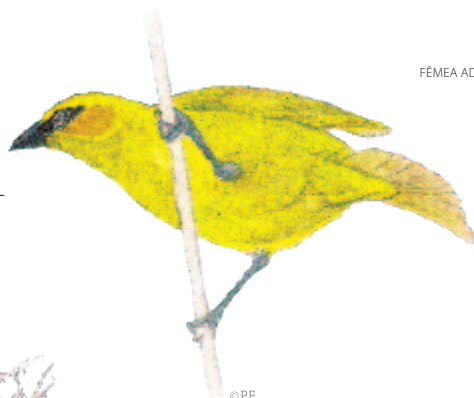
Tecelão - de - lunetas

Ploceus nigricollis

Unke (ba), Djatchiquidau (fl)

Comp 17 cm

Distribui-se por todo o país, incluindo as pequenas ilhas dos Bijagós, ocorrendo aos casais ou em pequenos grupos. Habita as florestas e as savanas arbóreas, preferindo orlas e clareiras, frequentemente próximo das plantações. O macho tem a garganta preta. Pode juntar-se a bandos mistos de aves na procura de insectos.



FÊMEA ADULTA

© PF

Catchu - caldeirão (cr)

Ploceus cucullatus

Cacho-caldeirão (pt), Unke (ba), Djatchiquidau (fl)

Comp 17 cm

Muito comum na maior parte dos habitats terrestres, incluindo *tabancas* e cidades. Esta espécie de tecelão é uma das aves mais abundantes do país, observando-se em bandos com dezenas ou centenas de indivíduos. Nidifica em colónias barulhentas que podem ter centenas de ninhos, geralmente em grandes árvores. As fêmeas (e os machos em plumagem não reprodutora) são castanho-esverdeadas e amareladas na barriga e no peito. Alimenta-se de sementes (incluindo do arroz de *pampam* e de *bolanha*) e de insectos.



MACHO
ADULTO REPRODUTOR

© PF

Peito - de - fogo

Lagonosticta senegala

N'thénha (ba), Djantinssau (fl)

Comp 10 cm

Muito comum nas *tabancas* (e nas cidades), ocorrendo também em terrenos de cultivo e savanas (evita zonas de floresta densa). Observa-se geralmente aos casais ou em pequenos grupos, permitindo a aproximação das pessoas. É muito pequeno. A fêmea é acastanhada com uma pequena mancha vermelha em frente ao olho. Aproveita antigos ninhos de tecelões para nidificar. Alimenta-se de pequenas sementes.

MACHO ADULTO



© EA

Peito - celeste

Uraeginthus bengalus

Tonton (ba), Djantinssau-afungau (fl)

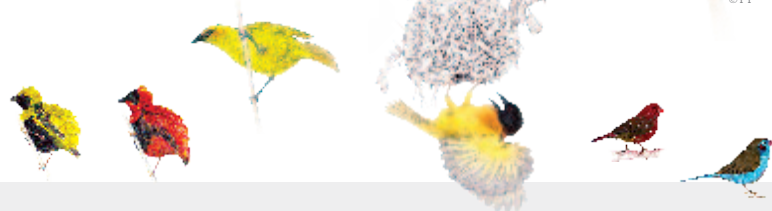
Comp 13 cm

Frequenta terrenos de cultivo nas proximidades das *tabancas* e vários tipos de savana. Observa-se aos casais ou em pequenos grupos, em arbustos ou no solo, enquanto se alimenta de pequenas sementes e de insectos, na companhia de peitos-de-fogo e de outras espécies. A fêmea e o juvenil não têm a mancha vermelha na face.

MACHO ADULTO



© EA



Freirinha

Spermestes cucullata

Hérà (ba), Djantinsau (fl)

Comp 9 cm

As freirinhas são aves muito pequenas de aspecto arredondado. Têm um comportamento irrequieto e deslocam-se a grande velocidade em pequenos bandos compactos. São comuns em quase todo o país (mas escassas nos Bijagós), ocorrendo em terrenos de cultivo, *tabancas* e jardins e parques de cidades. Podem construir ninhos comunitários apenas para dormir. Alimentam-se de pequenas sementes.



ADULTO

Viuvinha

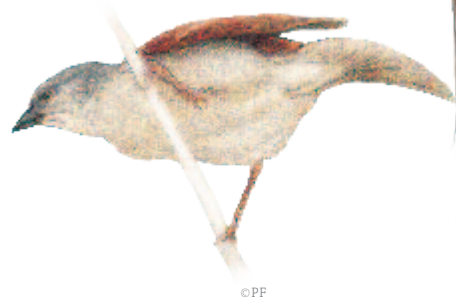
Vidua macroura

Comp 12,5 cm (excluindo a cauda do macho que na plumagem nupcial pode ter até 20 cm)

Fora da época de reprodução o macho perde a cauda longa, adquirindo uma plumagem castanha-clara com riscas escuras na cabeça e na parte superior (semelhante à da fêmea). Frequenta zonas abertas com erva alta, como savanas, terrenos de cultivo e clareiras. Ocorre aos casais ou em pequenos grupos, alimentando-se de pequenas sementes. Não constrói ninho, colocando os ovos nos ninhos das freirinhas e de outras espécies.



MACHO
ADULTO REPRODUTOR



©PF

Petinha - de - dorso - liso

Anthus leucophrys

Tonque (fure) (ba), Djasanquetamau (fl)

Comp 17 cm

Vive em habitats abertos com arbustos e árvores dispersos, como *lalas*, *bolanhas* secas e savanas, preferindo locais onde a erva é baixa (pastagens e zonas ardidas). É escassa no leste. Observa-se geralmente no solo, caminhando lentamente enquanto se alimenta de insectos, e por isso passa facilmente despercebida.



©EA

Alvéola - amarela

Motacilla flava

Tonque (ba)

Comp 16 cm

É uma ave migradora europeia que se observa de Setembro a Abril. Ocorre em todo o país, sendo muito mais comum no litoral e nas ilhas, em grupos de pequena a média dimensão. Gosta de zonas abertas, por vezes nas proximidades de água, como *bolanhas*, *lalas*, lagoas, dunas e terrenos de cultivo com a erva baixa. Abana a cauda para cima e para baixo. Alimenta-se de insectos, por vezes na companhia de gado, que captura enquanto caminha no solo.

SUBESPÉCIE IBERIAE



MACHO ADULTO REPRODUTOR



SUBESPÉCIE FLAVISSIMA

©EA

Canário - de - testa - - amarela

Crithagra mozambica

Comp 12 cm

Tem um comportamento relativamente discreto, ocorrendo aos casais ou em pequenos grupos em vários tipos de savanas e terrenos de cultivo. Observa-se com frequência no solo ou no topo de árvores baixas, enquanto se alimenta de pequenas sementes, de flores e de rebentos de plantas. Escasso no litoral e ausente dos Bijagós.



ADULTO

©PF

20
10
0
cm



A **Ártico** – é o nome dado à região situada no extremo norte do planeta, próxima do pólo norte. No inverno toda esta área está coberta por gelo e as temperaturas podem atingir os -60 °C, enquanto que no verão as temperaturas médias não ultrapassam os 10 °C.

B **Bando misto** – é um grupo formado por diversas espécies de aves insectívoras que se juntam e se movimentam em conjunto enquanto se alimentam na floresta.

Bolanha – extenso terreno pantanoso e fértil, geralmente situado perto de um rio, onde se cultiva ou se pode cultivar arroz. Termo frequentemente utilizado no crioulo guineense para designar os arrozais alagados.

C **Cardume** – é um grupo de peixes, normalmente da mesma espécie e com idade semelhante, que nadam em conjunto.

Carúncula – prega no tecido que está à volta do olho da ave. Na maior parte das espécies de aves o tamanho das carúnculas está associado à idade.

Chabéu – fruto da palmeira *Elaeis guineensis* que é muito utilizado para o fabrico de óleo de palma.

Chamamento – é um tipo de som relativamente simples produzido pelas aves que pode ter diferentes funções (alarme, reconhecimento, etc.). Os chamamentos são diferentes dos cantos que são geralmente mais longos e complexos e, em algumas espécies, mais melódiosos.

Clareira – é um espaço em que não há vegetação numa floresta ou numa zona com matos. As clareiras podem ser de origem natural ou artificial, como por exemplo, causadas pela acção do Homem como consequência de queimadas ou do corte da floresta.

Crepúsculo – curto período do dia em que o sol se encontra escondido (ao amanhecer e ao anoitecer), mas próximo da linha do horizonte, iluminando as camadas superiores da atmosfera.

D **Dormitórios** – concentrações temporárias de aves que duram geralmente algumas horas e que se repetem regularmente (geralmente uma ou duas vezes por dia). Os dormitórios são formados como resposta a um factor ambiental, como o anoitecer ou a subida da maré, e podem conter desde alguns indivíduos até muitos milhares.

H **Habitat** – local que proporciona todas as condições de vida para um determinado ser vivo (animal ou vegetal) e do qual este depende para sobreviver e reproduzir-se. Consoante o ser vivo, o habitat pode ser mais extenso ou mais reduzido. Por exemplo, um insecto pode viver apenas numa árvore, enquanto que um macaco precisa de uma floresta.

I **Invernante** – ave migradora que ocorre geralmente durante o inverno.

Invertebrados – são os animais (multicelulares) que não têm coluna vertebral. São exemplos de invertebrados os insectos, os camarões e as ostras.

L **Lala** – zona muito plana situada a uma cota de altitude muito baixa, que se mantém alagada durante a maior parte da época das chuvas e o início da estação seca. A vegetação nas *lalas* é dominada por ervas (*palhas*) de porte alto que secam totalmente na estação seca e são frequentemente queimadas.

N **Necrófago** – animal que se alimenta de outros animais já mortos. Os necrófagos têm um papel ecológico muito importante contribuindo para a eliminação de doenças perigosas e de parasitas.

Néctar – é uma substância líquida rica em açúcares produzida geralmente nas flores das plantas (algumas plantas produzem o néctar nas folhas e no caule). É aproveitado por muitos animais (insectos, aves e mamíferos) como fonte de água e de alimento.

Nidificar – acto de reproduzir-se, incluindo a fase de construção do ninho; relativo à reprodução.

P **Pampam** – é um sistema de agricultura itinerante de sequeiro, que consiste no corte e queima de floresta ou de savana arbórea (sem abate das árvores de grande porte) para plantação de diversas culturas, em particular o arroz de sequeiro. Após o cultivo segue-se um ciclo de pousio de 10 a 20 anos durante o qual a vegetação recupera parcialmente. Actualmente estes ciclos são cada vez mais curtos podendo durar apenas 6 a 8 anos.

Peneirar (voo peneirado) – acto de bater rapidamente as asas no ar e permanecer na mesma posição, parecendo que se está suspenso. O voo peneirado é utilizado por diversas aves marinhas e de rapina para localizarem as suas presas antes de as capturarem.

S **Sareia ou xaréu** – peixe predador pelágico da família Carangidae que pode atingir mais de um metro de comprimento. Diversas espécies de aves marinhas aproveitam a actividade de caça das *sareias* (que empurram os cardumes de pequenos peixes pelágicos para a superfície ou para locais pouco profundos) para se alimentarem.

Savana arbórea – é uma formação vegetal característica de zonas relativamente planas em que as árvores e os arbustos formam uma copa não muito fechada, alternando com zonas dominadas por ervas altas. Nas savanas arbóreas da Guiné-Bissau a média das copas das árvores varia entre os 10 e os 20 metros de altura.

Sibéria – é uma extensa região do Norte e do Leste da Rússia (algumas fontes incluem também o Norte do Cazaquistão) situada no Norte da Ásia.

Silvestre – refere-se à ocorrência de uma espécie (animal ou vegetal) de forma natural num determinado habitat. Neste guia o termo é utilizado para referir-se aos frutos que nascem nas árvores e nos arbustos que não foram plantados.

T **Tabanca** – no crioulo da Guiné-Bissau este termo é utilizado para designar uma

pequena povoação ou aldeia ou, por vezes, apenas um pequeno conjunto de casas.

Tarrafe ou mangal – é um arbusto ou uma pequena árvore que cresce em zonas de água salgada ou salobra nos rios, estuários e ilhas. Estas plantas têm adaptações ecológicas que lhes permitem resistir ao sal e à inundação periódica pela água. Esta palavra é também utilizada para designar as “florestas” formadas por estas plantas. Os *tarrafes* têm uma função ecológica muito importante protegendo a costa da erosão das ondas, permitindo que os sedimentos finos (frequentemente com elevado teor em matéria orgânica) se depositem e constituindo o suporte para uma biodiversidade única.

Termiteira ou baga-baga – são colónias de térmitas construídas com barro que podem ter mais de três metros de altura. As térmitas são pequenos insectos (diferentes das formigas) pertencentes à família Isoptera. Alimentam-se de material vegetal morto e de celulose, contribuindo para a reciclagem de nutrientes, tendo um papel ecológico muito importante.

V **Vasa ou zonas vasosas** – são zonas húmidas costeiras muito planas formadas pelas lamas depositadas pelos rios e pelas marés. As vasas estão geralmente situadas nas zonas entre-marés dos estuários e das baías costeiras, ficando expostas ao ar duas vezes por dia para voltarem a ser novamente submersas quando a maré enche. Representam um habitat essencial para muitos animais, como várias espécies de minhocas, caranguejos, moluscos, peixes e aves.

Z **Zona entre-marés ou zona intertidal** – é a zona compreendida entre o limite máximo da linha de água durante a maré-cheia e o limite mínimo da linha de água durante a maré-vazia. Durante a maré-vazia esta zona fica exposta ao ar, ficando submersa quando a maré enche.

